

**Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão**

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*

CINZA

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*

Márcio Catunda

# SINTAGMAS DO LABIRINTO

MouraSA  
Curitiba – Brasil  
2018

Copyright © da MouraSA Ltda.  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** MouraSA  
**Revisão:** O Autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

---

2015

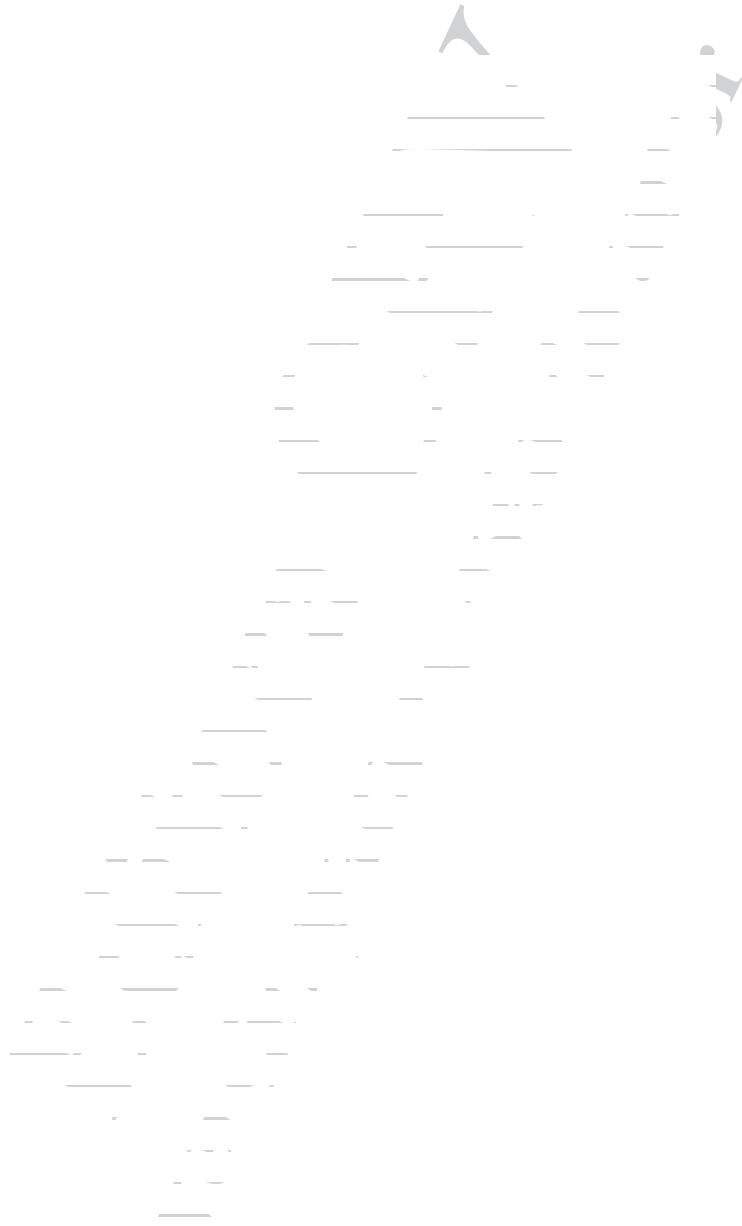
Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004  
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da MouraSA

Todos os direitos desta edição reservados pela:

MouraSA  
Tel.: (41) 3039-6418

**Editora CRV - versão para revisão do autor - Proibida a impressão**

PRIMEIRA PARTE  
EXPERIÊNCIAS



## VÓRTICE

Vem velejar o vento venerando,  
vem ver o vértice vertiginoso,  
no vórtice, velado, vem vagando,  
na viração, virente, vaporoso.

Voa, valente vento vigoroso,  
verticilo, vertente vicinal,  
veraz vislumbre do verde viscoso,  
verão visível no vão vertical.

Vibra veloz na vã, vivaz, viagem.  
Nas verbenas da vereda vernal.  
Veludo de volúpias na voragem.

Valei-me, verde ventura vital,  
Vetor de vaticínio e de visão,  
no vendaval que verte a vastidão.

## AQUARELA

Alegre, alado, aos ares elevado,  
em alameda de aleatório alento,  
almejo-te, acalanto arrebatado,  
*ânima* alerta, aurora de alimento!

Na ala do alambique do auge alçado,  
aéreo, atmosférico alheamento,  
no áacre arrabalde alucinado,  
ágata e ametista de Agrigento.

Arde um ar de alarde, alarme anormal:  
arauto afável de árido areal.  
Alma-ar, alva água de alabastro.

Alumbrador afã do alto astro,  
aragem que se amplia aluvial,  
aura amorosa, altar em que me alastro.

## SAGA

Solo da serenata no serão,  
sacia-me o sargaço sideral.  
Sujeito a solilóquio e solidão,  
sussurro a saga e dissemino o sal.  
Salitre de saliva sazonal,  
sopra o sereno sabor de açafão,  
sorte sortílega, sentimental,  
no sótão, suscitando a sensação.  
Insólita, secular sordidez:  
sobejam soluções de sensatez,  
no sagaz soçobrar da assombração.  
Em sublime, subliminar visão,  
sinto-me no solstício da escassez,  
sob as solertes sombras do sertão.

## CONCERTO

Num concerto de canoros canários  
e de alcalinos cânones candentes,  
cantem nos cântaros os campanários  
na calma dos clarões clarividentes.

Num céu de contentamento encantado,  
aceso no cantar dos corações,  
corra o crônida corcel inclinado,  
no cromatismo das constelações.

Concórdias de caricioso acalanto  
acordem dos acordes colossais  
dos excelsos clamores dos arcanjos.

Que os corifeus e as coribantes cantem  
no coral de corolas e cristais  
das cores dos colares celestiais!



## TRÂNSFUGO

A José Eduardo Degrazia

O tempo tece a trama tutelar,  
no trânsito de um transe, como outrora.  
Tintas e tons, nas tranças do tear,  
a tarde transatlântica atesoura.

Na tessitura triste dos torpores,  
da transparência o rastro a rutilar,  
os trâmites transponho, sem tremores.  
Triunfa o tráfego de ultramar.

Na data de um tonante suspenso,  
Atenas ata-me às tênues antenas.  
O travo turvo tinge o traste antigo.

Trota o tropel do instante a todo extremo,  
intermitente trajetória trilho,  
sete estrelas na estampa do tecido.

## MIRÍADES

Ministro misterioso, o menestrel,  
da música maneja o manual.  
Minerva mana milagroso mel,  
no maroto milênio marcial.

Marulha o minucioso manancial.  
Medita o melíndroso marginal  
no maneiro maná de Emanuel.  
Os manes da memória no mescal.

Magnífica miração de melodia.  
Melíflua, murmurante monodia.  
Mirabolante mantra imanente.

Mar mediador, maleável mania,  
melodrama, mistral munificente,  
mirante, maravilha, maresia.

## PROGNÓSTICO

Prognostico acrósticos agnósticos.  
 Diagnostico o dia do probiótico.  
 Proponho o prólogo, oponho-me ao logro de ópio,  
 logro o tópico do logotipo: o protótipo.  
 Atrapalho o palhaço-sátrapa de trapó na praça.  
 Atalho o acrobata nefelibata utópico.  
 Afasto a naftalina do nefasto Mefisto.  
 Alastro-me, abstrato, no astral.  
 Alardia um ar de alarde.  
 Ardia um dia de tarde tardia.  
 Saturno se aturdia.  
 Um lorde sórdido ia...  
 E eu só com meu sósia  
 que é sócio de uma súcia de suicidas da Suíça.

Sonho o amanhecer  
 na horta de lã do horto da manhã de horrelã.  
 O tecelão deletério tece o telão atlântico.  
 Otelos exorta diletante o êxito da aorta.  
 O éter da eternidade detém o hélio da eletricidade?  
 A elasticidade da idade é o elo da cidade?  
 O delírio lidera a lira?  
 O colírio colora a corola do lírio?  
 O embora da hora elabora o rolar da bola?  
 O bolor do labor embola o embalo do êmbolo?  
 Sombra sóbria sobra sobre o sobrado.  
 Nos ombros o bisonho, lúgubre sonho.  
 Saturno satura o turno da soturna tarde.  
 Tardava a lava no ladrilho do ébrio andarilho.  
 O vadio lavava a lavanda no navio.  
 Inebrio-me de brio e de breu.  
 Embrenho-me no eu hebreu.  
 Abrevio o breve veleiro de Vênus volúvel.  
 Vem, ave veloz, lúcida luz!  
 Avelã, veludo, novelo, nave!  
 Voa, vento volúvel!  
 Volátil volição!  
 Vem, votiva veneração!  
 Canto, cauto, o alto encanto.  
 Alento o cáldo hálito do acalanto.

## PROTOTAGMA

DEUS O DISSÍDIO DECIDIU  
E ZEUS NÃO O DESDISSE:  
AOS FILISTEUS ATEUS DEU EUS,  
DECORO DEU AOS CORIFEUS  
ERGUEU EGRÉGIOS OS EGOS DOS HEBREUS

ORFEU, NOS BREUS, INEBRIOU OS EGEUS  
GEROU GORGEIOS  
DEGREDOU OS GREGOS AEDOS  
SEGREDOS LEGOU AOS LEDOS  
Medrou medos, pesou os pesadelos de Delos  
AO LEU EM JUBILEU  
PROJETOU NO LAJEDO O ADÁGIO  
TECEU RÉGIA TESE E ENTERNECEU-SE  
DESSEDENTOU DANTON E DANTE  
ADIANTOU-SE DIANTE DE ALCEU  
ALÇOU AO APOGEU OS DESPOJOS DE PERSEU  
NO ENSEJO DESPEJOU AS CEREJAS DO TEJO

## SOMBRAS UMIDAS

CIOSO DE ÓCIOS, OUSO SACIAR-ME  
Ser senhor do ar de si  
é alçar-se  
DEBRUÇAR-SE SOBRE OS UMBRAIS  
BEBER EM CÉRBERO E NO CÉREBRO  
CELEBRAR O ABRAÇO DOS ESCOMBROS  
ABRASAR-SE EM ABRIL  
BRAHMAN NOS ANTROS  
QUAL TÂNTALO  
PLANTA O PLANCTON DOS ESPANTOS  
De banzos os bantos se abrasam  
ASAS E BRISAS DO BRASIL

CELEBRO O CELTA DE CEUTA  
ABREU ABRE OS BREUS DA SEITA  
ACEITA A SETA DO ASCETA

SE ÉREBRO HIBERNA EM BERNA  
LIBERA-SE ALERTA O ÉBRIO DAS ÉBRIDAS  
FEBRIS FOGEM AS LEBRES DÉBEIS  
DE IBÉRIA LIBO O BRILHO DOS CASEBRES  
LEVITO NO INDELÉVEL BRIO DA VERVE  
INVERTO A VERTENTE NA ILHA FÉRTIL

SOU A BADERNA DO IMBERBE  
O BÉRBERE NA VEREDA  
A HIDRA E A LABAREDA  
TRINA O COLIBRI NO LADRILHO  
ABREM OS OLHOS OS ABROLHOS  
ÓLEOS NOS SOBROLHOS  
OBRO COM SÓBRIA OMBRIDADE  
OMBRO OBUMBRANTE  
COBRO O BRIO DO OPRÓPRIO  
ESGAM ROTOS OS ESCROTOS DOS ESGOTOS  
ESGOTAM-SE OS ZIGOTOS  
BRADAM BARDOS, DOBRANDO OS BÁRATROS  
ATROS BROTOS DE OUTUBRO  
Penam na penumbra os alumbrados  
Os umbrais abrasados dos brasões assinalados.  
ÓPERAS NOS CALABOUÇOS  
SOMBRA NO SOBRADO  
ÍCONE HALÓGENO

ÁTON VEM À TONA ÔNTICO  
TÔNICO ÁTOMO IMANTA O HORIZONTE  
NUM ÁTIMO ASSOMA O TÓTEM ALTISSONANTE  
ONIPOTENTE LÓTUS  
VÓRTICE, ÓVALO VOLANTE  
VOTIVO PÓRTICO, ÓTICO PRÓTON  
CÓSMICO ESPASMO, PASMO DOS ATÔNITOS  
IGNOTO TRONO  
PÓLO  
          HOLOS  
APOLO  
          HOLOFOTE  
FÓTON  
          DOMUS

SÓTER  
THEOS  
ZEUS  
DEUS

PÓLUX

PÓLUX REGE A PÉTALA  
LAPIDA A LÁPIDE  
ODISSEU DISSE ODES A PENÉLOPE  
UM SÉCULO DE ACESSO AO COLISEU:  
SÍTIO INSÓLITO  
DE CIO, SOLÍTICO SOLÉRCIA  
CERCIAI-ME A INÉRCIA!  
DE PRÓPOLIS PROPÍCIO  
PROPORCIONAI-ME A PROSÁPIA  
ABRASAI-ME LUZES DA ÁSIA!  
SACIAI-ME, SAIAS!  
ASSANHAI-ME DA SANHA DOS SANHAÇÚS!  
AÇUCENA, ACENAI NO AÇUDE AZUL!  
PÓLUX POLUI AS PROLES  
PULULAM PULHAS PROLIXOS  
LUXÚRIAS DE LÚXOR  
DE APOLO ABRAÇO A MUSA  
A GALOPE NA PRAÇA  
USO A LUPA DE PETRARCA  
● ABRAÇAI O ARCO DO AI  
A PÁTRIA DO PATRIARCA  
As parcas  
as claras aras  
ARCAICO DESCALABRO  
A CARA DE CARACALA  
Candelabros  
lábaros  
cânticos  
mantras  
antros chamânicos  
aromas românticos  
astros  
arcanos  
mônadas

MALOGRAM-SE EM MONÓLOGOS OS EGÓLATRAS  
O PRÓFUGO SÁTRAPA SE ATRAPALHA  
A ATRABILIÁRIA PÂNDEGA É PROCLAMADA  
PAN GIRA O PANEGÍRICO  
O sacripanta espanta a GENTALHA APÁTRIDA!

APOLODORO ADORA O PÃO DE OURO DE PANDORA  
PESA O OUROPEU EUROPEU  
TROPEÇA A TROPA  
ÁTROPOS PREGA A PEÇA  
O profeta afeta o pároco e escapole da necrópole

### ÁTROPOS

DE GOZO O ALGOZ AGONIZA  
A EPÍSTOLA ESTILIZA A ESTOLA.  
O esteta esteriliza a apostila  
Enoque é o que não quebra  
DIATOMÁCEAS ATEIAM TONALIDADES  
O TOLO ATOLA NO LADO  
O LEDO DE TOLEDO LÊ OTELO?  
ADOLESCER NO DOLO O DOLEIRO PSICODÉLICO?  
A PÂNDEGA LANGUIDESCE NA ADEGA?  
APAVORAM-SE DE AGOUROS OS PARVOS?  
VOU AGORA LAVRAR A LAVOURA  
Devoram-se as arvoradas larvas?  
ELEVAR O VALOR DO LOUVOR  
ALIVIAR O LAIVO  
VOLATIZAR O VÓRTICE  
NO DESVELO DA VITÓRIA  
verter a estóica ode

SOFRE DE CHOFRE O SÔFREGO  
Fremente a esmo a esmola do espasmo  
PASMA DE ENXOFRE O ORBE

ATREVE-TE NA TREVA VETUSTA  
Veste a Vestal  
verte o vértice  
o sortilégio da espera  
o sol da sorte  
o crisol do solilóquio

## METRÓPOLE DOLOROSA

SINTO DÓ DO DECADENTE

Da década, da cátedra:

CAUTELA TUTELAR, TUTELA CAUTELAR!

O TOLO TOLDA O TOLDO ALEATORIO

ATOLADO NO DOLO

LOTA O LEITO LETAL

O DOUTOR ASTUTO TEM DOTE DE HOTELEIRO

TEM O DOM DO DOLEIRO DOLENTE

TATUADA ESTÁTUA

ESTULTO ESTAFADOR DE ESTATUTO!

ANOTO O ATO ILOCUTÓRIO

EM ALTO TOM

DISTÔO DESTE ESTILO

DETILO O ÁLCOOL DO ALCORÃO

DECORO O DECAMERÃO

TOMO O TIMÃO DA MÃO DO VILÃO

ALIVIO O ALUVIÃO

ALI NÃO VIA ALEIVOSIA

SÓ LEI SUAVE

SÓ OUVIA O ASSOVIO DA COTOVIA.

AVE, ALGARAVIA!

## ARMISTÍCIO

ARMOU-SE MÍTICO CIRCO.

SOLSTÍCIO NO AR: MÍSTICO ARMISTÍCIO.

EMITO FEITIÇOS DE CIRCE,

ARTÍFICE DO EFEITO FICTÍCIO.

IÇA-SE O ARTIFÍCIO DE ULISSES.

SOLICITA O CENOBITA.

A MESTIÇA ATIÇA O ARTISTA.

A ametista da estima.

O VIÇO DA SEDIÇA CALIPSO

FIXO A SI

SÍSIFO ASFIXIA-SE

HOMEM

DOMA O HORMÔNIO!

SÓRDIDO HOMÔNIMO DE MOMO  
MORDOMO  
ANÃO ANÔMIMO  
SOMA O SOM DO ÔMEGA  
ASSOMA AO HORIZONTE A INSÔNIA DO BISONTE  
HIBERNA EM BERNA O URSO CIBERNÉTICO  
O RUSSO ÚRICO  
O RÚSTICO ESPÚRIO  
HERÉTICO FRENÉTICO

ENTRE O COSMÉTICO E COSMO ÉTICO  
NO MANICÔMIO ESTÉTICO  
CARONTE CÔMICO COMETE ENCÔMIOS  
COMETAS CRONOS COME  
SÃO SINTOMÁTICOS OS CROMOSSOMOS  
SÃO SOMÁTICOS OS SINTOMAS TOMISTAS  
SÃO SORUMBÁTICOS OS CARISMAS SABÁTICOS

CRÁPULAS ACOPLAM-SE EM CÚPULAS.  
CÓPULAS PULULAM COMO POLÍTICOS POLÊMICOS  
DE SODOMA A REMOTA REDOMA,  
a epiglote do poliglota.  
O CICLO DO CICLOPE E A ENCICLOPÉDIA

POLIFEMO AFEMINA-SE EM MÊNFIIS  
MIDAS COME COMIDAS DE MEDINA  
Minos mima as meninas  
MINERVA EMITE ERVA E EPIDERME  
AS ERMAS ERAS DE ARTÊMIS E HERMES  
ERMIDAS  
SEMEIOS DE ARTEMÍDIA  
ARAMES DE SEMIRAMIS

MATIZO AS ARTES SISTÊMICAS  
SE HOMERO EMITE O ÉTIMO  
CONTEMPLÓ O MERO CÊNTIMO  
CONSINTO-ME O SÉTIMO CÊNTUPLO  
ASSENTO-ME SOBRE A CENTÚRIA  
HABITO OS SUBÚRBIOS DA BÁRBARA URBE  
INSTALO A ESTE ESTE ÊXTASE



INSTO O INSTINTO A INVESTIGAR O INSTANTE  
INSTIGO-ME À VERTIGEM DO INSTÁVEL  
INTIMO O IMO HIALINO  
ADMITO O MITO  
OS MINISTROS ADMINISTRAM-SE LITROS SINISTROS  
CITO INTERLÚDIOS LÚDICOS  
EDITO A BULA E ABULO A ABÚLICA VOLÚPIA  
ECLODE A ÉCLOGA  
PROLONGAM-SE OS PROLEGÔMENOS

SODOMAS

SÓ DOMAS DAMAS SÓRDIDAS  
SEI DOS DOMÍNIOS INDÔMITOS  
posso com Poseidon  
COMPONHO COM OS GNÔMOS  
TRANSPONHO OS DONS CANÔNICOS

ARDE O DANO DE SARDANAPALO  
Escala o halo da salamandra  
ESCANDO CANTOS NAS ESCARPAS  
HARPAS DE CARPIR  
FARPAS DE ARFAR  
CANDEIAS

CANDELABROS  
LÁBAROS DE ABRIR  
AS CÃS ENCANECIDAS DOS CLÁS CANSAM-SE  
CALIBRAM-SE DESCALABROS  
CALIBÁ BANE AS CABRAS ESCABROSAS.  
INDÔMITO MITÔMANO,  
ABOMINO OS DIÁCONOS ANACRÔNICOS  
AMO A MONA ÔNTICA  
No dinâmico trâmite  
UNTO DE HUMUS O ATÔNITO TRIUNFO

AOS JUROS ABJURO  
ABDICO AO AÇÚCAR DO SÚCUBO  
ADICIONO UM ÓSCULO AO CRÍTICO  
DO DÍSCOLO DESCOLO O FOCO

AO ÍNCUBO INCUMBE COBRIR O BICO  
SÓ SUCUMBO AO CÚMULO DO LÚGUBRE  
INAUGURO UM HINO AO GURU  
EM BRAILE BANO OS BANAIS SOBERANOS  
BACOS CAMBALEANTES

BACO

EIS A ÉPICA APOCALÍPTICA:  
PAN PREDICA O PÂNICO  
COAGULA A GALA DA GALÁXIA  
COM A LÁBIA DA CALÁBRIA  
CALIBRO AFRODITE  
Com a libra de Calibã  
o álibe da Líbia  
o gibão e o banjo de Gibran  
lembro do belo Bem de Belém  
ELABORO O LEMA DO ALÉM  
DIGAM-ME SE ME DIGNO DE TÚNICAS INCONSÚTEIS  
SE MUSAS DIRIGEM-ME OS HORMÔNIOS  
Se Megeras digerem-me os gemidos  
SE MORDOMO SOU DOS JERÔNIMOS  
SE EXORTANTES ORGASMOS JAZEM  
SE DOU AO CARRASCO SEM ASCO O CARO DE BACO!

DA-ME ASCO A DAMA DE DAMASCO  
OSCULO O COLOSSO DA MOÇA  
aroma de amor a esmo  
não morro na torre do torresmo  
Na tórrida modorra  
no mordaz marasmó de Gomorra

SAGRO-ME

SAGRO-ME NA SAGA DA RAÇA  
Socavo no sovaco do vácuo  
COBIÇO-VOS  
FORMOSAS FORMAS!

COM VOZES DE VESÚVIO  
CONVERSO AOS UIVOS  
CONSERVO-ME SERVO DE SAFO  
SATISFAÇO-ME NA SAFRA  
SE ABUSO DO ABSURDO  
DEPLORO O CRISOL DO SÓRDIDO  
COOPTO OS COPTOS.  
RAPTO DOS RAPSODOS O APODO  
podo a bossa do boçal  
a farsa do torpe no portal do torpor

ESTAFA-SE A FAZER SAL O REI FAISSAL?  
A CAABA ACABA POR ABALAR A CABALA?  
DÁS ALMOÇO AO LOBO OU DÁS BOLO AO MOÇO?  
POR AMOR DELE AMEAÇAS?  
SACIAM-TE SALSAS DA ALSÁCIA?  
TÍPICA DE HÍPICA E A ÉPICA PÚDICA?  
ALÇA-TE

ALCESTE  
À SÁTIRA HIERÁTICA!  
VIGE A VÍRGULA DE VIRGÍLIO!

Vírus viril  
lento  
virulento

ÁTILA ESTALA O LÁTEGO  
CATULO CATA O TULE  
A MUSA LÚBRICA FICA LÚGUBRE  
CAMÕES COME MAMÕES NA CAMA LÚDICA  
CALÍOPE LIBA O MAMILO DA MOCAMA  
COM CONVITE DA CAFUSA  
A BACANA ACABA EM COPACABANA  
SÓ SOLCILITO A LÍCITA POSSE  
SOU SOLÍCITO  
SOU O SOLIPSISTA

TIMEU

SEMEIAM-SE OS QUE SE AMAM.  
MEDEIA ENTREMEIA-SE EM MENEIOS  
MEDRAM DRAMAS OS AEDOS

NERO ENGENDRA INGENTE GENTALHA  
NERO ONERA, NERO ERA NERA, N'ERA?  
O GÊNERO DEGENEREA DESDE A GÊNESE  
O GEN DO GENTIO  
O TALHO DA GENITALHA  
GENEROSO ÓCIO DA ROSA GENTIL

A LESTE DO LETO

ASTROS  
ESTROS  
OSTRAS  
ESTRANHOS DESVELO  
SELAM-SE NOS ENLEIOS  
Elevam-se os enlevos  
ZELOS GELAM-SE  
JASON FAZ JUS A LISONJA  
TIMEU INTIMIDA HIMENEU  
METI-ME NO MIMETISMO DE MIM  
Jaz o som do banjo no bojo da esponja  
LIMINAR MILÍMETRO  
REDIMIDO AO MÍNIMO  
LIBO A BELA LÍBIA  
A LIBÉLULA LEVITA.  
Atino ao tímido libelo  
NO ÁTIMO OMITO O MITO TOMISTA  
SINTO-ME NO ÍNTIMO  
INTIMO OS LATINOS A INTIMIDAR OS ÁTILAS  
A LASTROS, ESTIRO AS ESTEIRAS  
DESATINO A LASTIMAR A MAESTRIA  
aro o limo da aresta  
estimo-me  
DESTINO-ME ÀS FILHAS DO MINHO  
MIMO AS MENINAS DE MINAS  
DETILO-ME NO LEITO DO DELEITE  
INSTIGO O ESTILO DO ESTILETE  
DILATO O DILETO TIMO  
DEITO-ME NO MITO DE MIM

DE ARRIMO  
ARRUMO O CINTO  
INSTO-ME

ELUCUBRO SALUBRES LUCROS  
PASMO ANTE OS SALMOS  
ANTE O ESPASMO DOS ASTROS  
ANTE OS LASTROS DE QUE ME ILUSTRO  
ENTRE ESTROS E ESTRUMES  
NO EXTREMO DO PRÉSTIMO  
ENTRE O ESTRÉPITO E A DECRÉPITA CRIPTA  
ACRETIDO QUE CREPITA O ACRE DITO

O PASPALHO ESPALHA O ESPANTO  
NO ESPELHO O ESPANTALHO  
ESPERA-SE O PRANTO EM ESPERANTO?  
A FERA E ESFERA  
O ESTRATO E ESTRATOSFERA!  
A TÉRMICA PANTERA EPIDÉRMICA?  
O TEOR DO ORBE QUE EXORBITA  
ÓXIDO NO EQUINÓCIO

A LESTE CELESTE  
MÍSTICA AMETISTA  
ÍNTIMA ESTIMA  
LÍDIMAS MINAS  
MIMOS DE MINOS  
LIMOS DO TIMO  
MENINOS ANÍMICOS  
IMOS MÍNIMOS

DOS ÁLIBES DILETOS  
O DELEITE  
DAS ELEGÍAS DE ELÊUSIS  
OS DEUSES  
DAS ALERGIAS ÀS ALEGRIAS.  
DOS ELFOS DE DELFOS  
AS ESPÉRIDES  
DOS PÉRIPOS DE HÉLIO  
O PERIÉLIO

DAS PURAS ÉPURAS  
AS VÉSPERAS  
DAS FÊMEAS QUIMERAS  
AS VESPAS E AS ERAS  
DE VÉRPER

A ESPERA  
DAS MEGERAS  
AS PENTÉLICAS  
DAS FERAS  
A PANTERA  
DAS EFÊMERAS PERAS  
AS ASCÉPTICAS  
DAS ESFERAS  
A FÉERICA

ALBAS DE ALABASTRO

BEBO BÁLSAMOS ALADOS  
DÁ EMBALDE NO BADALO O ABADE  
ENTRE O EMBLEMA LABORAL E O DESCALABRO  
O ABRAÇO NO BAILE EM BRAILE

DE ARRIMO

ANIMO O AMIGO DA VINDIMA  
UM HINO AO AMO MAGO  
MEU ÂMAGO  
AO DIVO DUÍNO  
O RACIMO  
SE DIMENCIONO  
O DOM DE MÊNCIO MENCIONO  
DONO DO DOMÍNIO  
DE MENINO ADIVINHO DIAMANTINO RITMO  
RIMO COM ESGRIMO: DIRIMINDO  
TIRO DA LIRA O DITIRAMBO  
NO AR MARÍTIMO DELIRO  
SE DUVIDO DO VINHO HINDU

SONHO IDÔNEO  
SONDO AS ONDAS  
ONDE DÃO AS REDONDILHAS DAS ILHAS?  
NO IDÍLIO ME ASILO  
COMPILO ILAÇÕES  
ILO  
ASPIRO À PIRA DOS ASILOS  
À IRIS DO LÍRIO  
INSTO OS ÍDOLOS A INDUZIR O DESTINO  
ADUZO À LUZ DA ÍNDOLE O CIMO LÍDIMO  
SINA MINHA  
VINDICTA  
DIGNA LINHA  
IMPLÍCITA  
LÍCITA CITAÇÃO

ALFOMBRA DE MORFEU

DEU MOFO NA ALFOMBRA DE MORFEU  
O AMORFO MÓRBIDO AREA DE FOME  
FORMA-SE NO FORMOL O FOMIDÁVEL FÁRMACO  
FEDE NA CLOACA O CACÓFATO DE MARCA  
O FUMO MURCHA A FAMA DE FUMANCHU  
A CHUSMA MARCHA NO INFLUXO DO LUXO  
DE CHOFRE FECHA-SE O FOSSO DE ENXOFRE  
FADA-SE AO FIM O DEFINHADO DELFIM  
O FEDELHO DEFECA NAS ADELAS DE DELFOS.  
JOSÉ DE ALÉM CÁ VEM  
DE ÁFRICA  
DITAR DE AFRODITE A FRICATIVA VINDICTA  
QUEM VEM CAVAR AVENCAS NO AR?

QUEM VEM CÁ

AVIAR O CAVIAR?  
VEM KAFKA COM FÉ  
VEM O FAQUIR COM O CAFÉ  
VEM O VEDANTA E O DIAMANTE  
VEM O AR ARFANDO NO FANAL  
VEM NA VIA DO VIÁTICO QUEM ALI VIA

NOMOS

O NOME DO HUMANO?  
É ANÔNIMO  
A MÃO DO MANICÔMIO?  
COME-A O ENCÔMIO.  
A ARCA DA COMARCA?  
CARCOME-A A PARCA  
O CORNO DO CARNEIRO?  
ORNA A CHARNECA DO CARNICEIRO.  
ONDE ARDE A ARDÓSIA?  
ONDE A ARCA ÁRCADE?  
A SÓRDIDA DESODEM EXORBITA?  
A CORDA DO CALHORDA  
ACORDA O DIA DA CONCÓRDIA?  
O PROLETÁRIO ATRELA O CORCEL SEM CELA?  
A PROCELA PROCEDE DA CANCELA DO CÉU?  
QUEM PROTELA A SEDE DO SENTIDO?  
QUEM TECE O TECIDO DA REDE?  
DA SODA DOCE  
E DO SÓDIO ÁCIDO  
QUE HÁ SIDO?

O CÂNONE HERMÉTICO

Aspirar hialinos haustos  
ASPERGIR HALOS claros  
Alinhavar a linha do LINHO  
ELIMINAR OS MORES E OS HUMORES  
COLABORAR COM O LABOR DO LOBO  
CORTEJAR A CORTE CORTICÓIDE  
METAMORFOSEAR O FUSO DA ESFERA  
MEDITAR NA DITA, desistir da desdita  
QUEM DIZ ISTO?  
O decrépito?  
O DERELICTO?  
O DELITIVO INTRÉPIDO?  
DELIMITO-ME NO MITO DO ESTRIBILHO.  
BRILHO NO MÉTODO EQUESTRE,



DEMITO-ME DO TERESTRE RESTRITO  
ABDICO  
DEDICO-ME À LÍRICA!

CABALÍSTICO

PÉRICLES PERICLITA  
CLÁUDIO CLAUDICA  
AGRIPA GRIPA  
DIONÍSIO ADIA O DIA DA ORGIA!  
APOLODORO DOURA OS POMOS DÓRICOS  
ÉDIPO TINHA OPULENTOS ÓPIOS LENTOS  
TERÊNCIO TERIA LENÇÓIS TELÚRICOS  
HETAÍRAS TERIAM IRAS ETÉREAS  
AS FÚRIAS ERÍNEAS SERIAM FERINAS  
Vênus viria aérea, venérea

LAPIDO A PIIHA DE LÁPIS LÁZULI  
DIGITO LUXOS EPICÚREOS  
DIRIJO-ME PRESTÍGIOS  
EXIJO A EXEGESE DOS RITOS  
DIRIJO-ME AO ESCONDERIJO E MIJO

A LIDA ME INCITA AO EXERCÍCIO DO OFÍCIO  
EM DÍSTICOS OS DISTINTIVOS  
IMITO OS ÊMULOS DOS HEMISTÍQUIOS.  
BASTA-ME DE ATAVIOS  
ÁVIDO DE FALAS!  
FALIDO CALIFA  
CABALÍSTICO!

INSTABILIZA-SE A BALÍSTICA  
ABALA-SE A BELEZA DE BALI  
TORPEDEAR O TORPOR DO SUPOSITÓRIO  
FALO DA ESFERA BABÉLICA  
da feérica basílica  
Dedilho a lira  
LAVRO A PALAVRA: favo da lavra  
FALA DE PALAS

DO CIMO ME APROXIMO  
REDIMO O RACIMO DA RIMA  
PARANIFO A OLÍMPICA LINEA  
PARO A NINFA DE SAFO  
E FAÇO A SAFADEZA

CESSA O TEMOR DO ASTECA  
Projeto o reflexo do próspero  
Com o plexo da presteza  
empresto o estro e a destreza

RASTREIO A ARTE  
No ágape da festa  
a réstia nectárea  
ária casta  
seara aérea

AMULETO

APOLO PELEJA IMPOLUTO  
ENSEJA PEJO O ANACOLUTO  
Colo na pele da polaca  
apelo aos pelos  
e aos lemas dos emblemas do além  
À MELENA DE HELENA, LEMA DE BELEZA!  
AO MEL E AO BELO AMULETO!

Quero mais de menos amenos

DILATA-SE O TALENTO DE TALES DE MILETO  
TELEMACO NÃO MACULA O DILETO ALENTO  
VIGORA AGORA O MÉRITO  
ARVORA-SE A NERVURA DE VÊNUS  
VÊM A LUME OS VENENOS  
OS CUMES DOS MAMILOS  
OS GUMES DOS HÍMENS  
AS LIMUSINES DE MINOS E O MINUANO

INDAGO À FALA DAS FALANGES  
O AFÁ DOS ARCANJOS ARFANTES  
Ar de afago nas afáveis favas  
aves nas árvores do Nirvana  
ÁLAMOS NAS VARANDAS  
LAVANDA VARANDO A TARDE  
LAVANDO OS VALES  
LÁ VÃO AS VÁS CARAVANAS LEVANDO A VIDA!  
VÃO EM VÃO NO VÃO DA ORVALHADA!  
NO DESVÃO DA ÁRIDA SEARA  
SEREIAS NAS AREIAS DO SAARA  
A LÁ QUE VI NA VILA DE ÁVILA  
VELAS LIVRES QUE O ALISIO ALISA  
Líricas brisas clarividentes

AMANHECE HORTA E LÃ  
NO HORTO DA MANHÃ DE HORTELÃ

NO NADIFICAR DO NADA A VIDA NADA  
E NADA FICA DA VIDA DANIFICADA  
AS DANADAS DANAIDES DÃO NO NADA DO HADES

PELO NARIZ DO ONANISTA  
PELO ÂNUS DO ANALISTA  
PELO ÔNUS DA OPULÊNCIA  
QUEM RESPIRA O PÓ DA PIRA?  
QUEM ASPIRA AO ÓPIO DO PIOR?  
QUEM DESOPILA O PIRÉTICO?  
O ÓPUS CLÁSSICO DE HIPÓCRATES  
O HIPOCAMPO DO HIPOCONDRÍACO  
O HILÁRIO: O ONÍRICO

O ESTUDO

O estudo: eis tudo  
Eis o todo, o toldo:  
o êxodo do lodo  
Doutor  
dou-te o dote da doutrina

a endorfina da dor trina  
Os dedos das deidades e as idades  
Os hortos e as herdades  
As naus de Manaus  
AS MAGNAS NAIADES

### PAROXISMO

Ordeno ordenhar os animais  
    analisar os ânus e os anais  
    Nos dedos do Dédalo andaluz  
ANDA A LUZ DO ANDOR DA LANGUIDEZ  
Exorto o ortodoxo a lograr o Logos  
    a alugar logo o lugar do diálogo  
AOS EXÓTICOS OUTORGO A SOGA  
DE OXFORD SOB RAM ÓXIDOS

Se a escória se escora na uxórdia  
    ordeno sova de escova nos covardes  
ARDEM TARDES COMO COVAS MORNAS  
Exorto os brutos ao escorbuto  
    Inculpo os bruxos da luxúria  
De braços chutam-se os escrúpulos

A horda calhorda contra as ciclópeas cúpulas  
O óbice da dúvida contra a força súbita  
O ódio do vídeo contra o dia de Ovídio  
    E eu só com meu sócio  
sósia da súcia de suicidas da Suíça

Obtém têmpera  
    oblitera os blocos  
    rouba dos bobos o arroubo  
SUPER A O SUPEREGO

NAS ADVERTÊNCIAS  
    INVERTE AS ADVERSAS DECÊNCIAS?  
NAS DESCENDÊNCIAS ASCENDE ÀS ESSÊNCIAS!

De Mamom emanam amnésias  
Doma as donas magnânimas  
ANIMA-TE

ANIMAL!

Maneja as anônimas semanas!

Elucubro sobre o lucro  
Flagro o malogro do agro  
Logro anular a agrura  
Uso óculos no clube da oclusão

Aromas do acaso azulando o acaso.  
O CASULO DO CAOS!  
A ILUSÃO DOS ÍDOLOS!

Falo da alma de Almofala  
da fama de Alfama  
do fado dessa fada Safo  
dá má dama de Maldonado  
da mala da domada Madona

Alvos ventos nos alvéolos lânguidos  
Ao Levante me levam os hierofantes  
amantes das aras de ouro de Horácio  
Corolário de Coriolano  
decorado com colares de corais

Pelos pomos de Pomona – anômalos  
Pelas manias cômicas – manicômios  
PELOS INCÔMODOS DOS MODOS  
Pelos mordômicos cânones  
Pelos cãs de Canaã  
Pelos caninos de Caim

Uso o búzio da núbil musa do Danúbio  
Abro-lhe os abrolhos da blusa  
Acuso-lhe o abuso do dúbio cio  
Com os gumes do argumento  
NEGOCIO  
FOLGUEM OS MOÇOS

ALMOCEM OS OSSOS DA ALMA  
REMORCEM OS IDOSOS  
SEM REMORSO OS RECEIOSOS GOZEM

I CHING

O I CHIG DO STING NÃO EXTINGUE  
NÃO XINGUE O GURI DO XINGÚ  
NÃO AUGURE AGOUROS AO AL GORE  
AO GARI, AO GURU E AO BARULHO.  
NA QUILHA BELISQUE A ODALISCA: ARRISQUE!  
DISSIPE NA MISSA O BISPO DO MISSISIPE  
DESPEÇA O CORISCO QUE RISCA A COR DA ÍRIS  
DECORE O OBELISCO DA BASÍLICA

QUAL TRAFEGAR EM TRAFALGAR,  
OU AFAGAR O TRÁFICO AFEGÃO  
A FÉ DE KAFKA AFETA O CAFETÃO  
A FACA DO FISCO FISGA O FAQUIR

CUSPO NO CU CÚSPIDES  
NOS CORPÚSCULOS DAS ÁSPIDES  
ESCARRO NA CARA DE ASCO DO CARRASCO  
ROMPO OS ESPORÕES DOS ESCORPIÕES  
COM PEÁS APEIO NA VIA ÁPIA  
PERMITO-ME OMITIR O MITO  
NO CERNE  
O ÍNTIMO ÉTIMO  
A TESE DO ÉTIMO  
O RECINTO DA SÍNTESE

## ESTRAMBOTES

A abelha sabe o sal do céu, sabor  
da sede que se bebe em brisa branda.  
Na bilha pública da praia plana,  
ao sol do sonho e à obra do labor.  
Se a chama clama ao claustro a chusma chá,  
secreto é o cetro inacessível, crasso,  
à cópula da classe pulha, crápula  
de lastimada lágrima malsã.  
O espectro plange plácido sepulcro  
e o pálio planta a paz do pranto pulcro  
de travo transtornado, tredo e turvo.  
O exangue sangue, ausente, sacro e rubro,  
altera o outro outono, o outeiro; outubro  
flagela a fera flor, flagrante o fruto,  
e grassa o gáudio em grei de gládio glabro,  
glaciando glauco, gaio, gado grado.

Atento à antena material de Atenas,  
matemática de metais mentais,  
mantéis de mitos, mantos maternos,  
metas e mantras, magistras mecenas,  
multidões de metamorfoses, mais  
meteoros etéreos, aureolados.  
Múltiplos, tumultuados matagais,  
touro metódicos, deteriorados,  
montes, fontes, pontes, frentes e feixes.  
Pejos, arpejos, lábios e pedágios.  
Seixos, beiços e braços puxam peixes  
e dissabores de árdegos adágios.  
Endógenos salgemas germinados,  
gramíneas minerais do minarete,  
aéreos haustos ardejados  
na diástole falsa do falsete.  
No parque a farpa fere harpia e parca  
e a química quimera arqueja e encharca  
o arcanjo arcano, arquétipo da arca.

A perlustrada pérola fremente  
afaga a fúria do faquir e a faca

fica fincada, fulgurante e fixa,  
 alfanje tutelar que a fera saca.  
 O tirocínio atira à tirania  
 ironia fatídica, titânica  
 e a ira dos atritos extravia  
 as sanhas assassinas e satânicas.  
 A tarde aturde atávico tumulto,  
 turvando a turba em turbilhões e túmulos,  
 atando aos antros os tolos estultos  
 que abusam do nublado blague obtuso.  
 Sórdidos, surdos ao abuso e ao cúmulo,  
 estúpidos hipócritas que acuso,  
 hidrófobos astutos sem escrúpulos.

Se o axioma do nome do domínio  
 mingua d'água o minuto diminuto,  
 o dom de Minos mina o minuano,  
 diluído dilema dissoluto.  
 Dirige à luz do lume adamantino,  
 dirige o ímã, dirime o litígio...  
 Aquilata e lapida o diamante,  
 decifra e dissimula o estigma estígio.  
 Deleitando de lírios o devir,  
 divaga devagar no devaneio.  
 Adivinha o dever do que há de vir.  
 Nas dádivas divinas dos azuis  
 - delírio lânguido, delíquio, enleio -  
 ilude a lua lúdica andaluz  
 nos andares dos Andes onde há luz.

Lampejam lâmpadas os lupanares,  
 ladeados de jades e adejados  
 de alados arabescos, aras e ares,  
 nas áreas de lajedos arejados.  
 Nas lareiras dos lares das sereias,  
 nos arrabaldes árabes, aradas,  
 arenas ardem nos ardis e areias.  
 Lépidas, serelepes, serenadas,  
 crepitam sibilantes bailarinas,  
 bailando belas, bólides debaldes,



na balustrada de lustrais latrinas.  
Debulhados, abúlicos e létricos,  
balaíos, bules, bulas, balas, baldes  
abalam lutas pálidas, polutas  
e lidas empoladas pelas putas.

Os mitos e metais medram da erva,  
da rama derramada na vertente  
da verde gleba serva de Minerva,  
na trânsfuga folhagem transparente.  
No vértice da treva tenebrosa,  
tremula taciturno tremedal  
e em prístina procela pressurosa  
o pórtico do pélagos letal.  
Na plaga o pária a praga pressagia  
e os partícipes da patifaria,  
perdidos perdulários, sem perdão,  
perseguidos por pervertido príncipe,  
se precipitam pífios no princípio  
do porco pandemônio de Plutão  
(do parco predatório desperdício).

## O PLENILÚNIO SOBRE O MAR ADIANTE

Hórrido rugir revoltado da ressaca,  
bêbados batéis batidos de brisa,  
ancho arcanjo de inflamada flama,  
frouxo fluxo de luz aplacado na plaga.  
Palmas calmas, águas claras, espaiadas na praia.  
No nadificar do nada a vida nada.  
E nada fica da vida danada.  
Deflagra-se o fragor da frugal fragrância do cravo.  
O lavrador labuta no labor da luta.  
Escalo as claves da escala de Scarlatti.  
Acho a chave da cripta da gruta.  
Se ouvires o ourives,  
ou virá no vento o vírus lento virulento,  
ou lentamente a lenta mente alenta  
a mente dolente do lente.

Um monumento ao momento do humor:  
um moralista humilha um meliante,  
um milhão não me admira na ala.  
O almirante mira do mirante o mar adiante.

## ÂNIMA LÍRICA

Me dá vagar viajar  
alva lava a adaga lunar  
asa suave  
    rasa a vazante  
        inalava lavanda  
nave velejando azul  
    rosada e malva alvorada  
        reza alada saga sagrada  
Ressonava o sono da sonata  
alma salva solfejava a nota  
anotava a ata: só nata  
    Nada afeta o nefelibata  
        nem a gema da ágata  
        nem o estratagema da gentalha  
        nem a bata burocrata  
        nem a naftalina plásmica  
        nem o miasma da Nasa  
        nem a asma da casa fantasma  
    Nem espasmo nem marasmo  
        nem ninfeta nem desinfetante  
        nem a omoplata de Platão  
Nada afeta o nefelibata  
Serenata: flauta e violão.

## A PALAVRA

A palavra lavra e livra  
salva o verde oliva  
e vale o al da saliva  
A palavra palma e sabre  
abre o pálio da alma

calma fava, lava e fala  
A palavra alba e nave  
sagra e singra  
criva e crava  
dádiva da vida  
dívida velada  
A palavra, válida lágrima,  
alta, ávida, álgida, atávica  
ata o laço: lacre álacre  
A palavra prática, fática, tática,  
nada errática mas exata  
grava grave a inata graça  
A palavra sensata, serenata,  
sana: balsamo de nata,  
dinâmica, lírica, linfática.

## ENTRE O BUTÃO E O BUTANTAN

Entre o Butão e o Butantan,  
botamos butano no tutano.  
Lutamos contra o luto luterano.  
Aturamos a turba que perturba a urbe.  
Turbinamos o dínamo do imo.  
Imergimos no éter.  
no erário aéreo.  
Ávidos de vida,  
dividimo-nos, divisamos nus a vertigem,  
vertidos nos verdes do revérbero,  
vestidos de vestais, vedetes de Eros.  
Reverencio Cérbero.  
Celebro o centauro.  
Deterioro o ouro do Deuteronômio.  
Deleto o deletério encômio.  
Como a nêspira da espera.  
Peregrino ao cimo da perícia:  
Pérola e peripécia.

O bárbaro barbeiro Barrabás  
 agarra-se às barras.  
 Esbarra no carrasco.  
 Escarra o asco do arrabalde.  
 Amarra-se ao cunho do rascunho.  
 Rasga a nesga de água.

No nadificar do nada,  
 ia nadar no nada do nadir.  
 Nadificar no devir.  
 Adivinhar o vinho da dúvida.  
 Vinha a diva da dívida à dádiva da viva vinha.

## PERORAÇÃO

Dai-me uma corda pra que eu me acorde.  
 Dai-me um acorde pra que eu não durma.  
 Dai-me um acordo pra que eu me acuda.  
 Dai-me um enfoque pra que não me enforque.  
 Dai-me um escudo pra que eu me descuide.  
 Dai-me um encanto pro meu acalanto.  
 Dai-me um Talmude pra que eu me transmude.  
 Dai-me um archote pra que eu não me açoite.  
 Dai-me um Descartes pra que eu não me descarte.  
 Dai-me um encarte pra que eu dê as cartas.  
 Dai-me a concórdia em nome da ordem.  
 Dai-me equilíbrio pra que eu não me ludibrie.

## JOGO PERIGOSO

O jogral joga ao mar sua jangada,  
 lúdica loteria aventurada.  
 Joker, jóquei, jugo na jugular,  
 no lance astuto de vencer o azar.  
 Joga-se casto, em logro de Jocasta.  
 Joga-se: carta lacrada em Jacarta.  
 Joga-se pó no vento do poente,  
 a bola de cristal rolando em frente.

Joga-se grão no chão das incertezas.  
Joga-se pão na mesa das tristezas.  
Na roda da fortuna, joio e trigo,  
arado de adversárias naturezas.  
Joga-se não no alforje do mendigo.  
Joga-se sorte, ao fim, sobre o jazigo.

## PRÓ E CONTRA

Pelo lote da glosa e pelo logos do apelo.  
Contra o epílogo da epiglote.  
Pelo lótus e pela rosa do desvelo.  
Contra o pote da hipótese.  
Contra o atrito da tribulação.  
Pelo pátio da teatralização,  
pelo retrato da retratação.  
Pelo destroço do horto ortodoxo.  
Contra o acróstico do agnóstico,  
contra o gozo do algoz.  
Contra o trigo da intriga,  
contrito com o lógico.  
Contra o trago amargo do letargo.  
Contra o luto e o anacoluto de Cloto.

## NAVIO ESPACIAL

Delírios de lírios, delirar de colírios.  
Vigílias, idílios, lidas líricas.  
Ouve os responsos da habilidade,  
ou vê a responsabilidade.

Amanhece: horta e lâ  
no horto da manhã de hortelã.  
Ando no abandono de um dono sem dono.  
A negação do ócio  
Ou a negociação do Ego,  
NEGO, ÉGUA,  
A água no vácuo ou a vaca na água?

Aguar na água a anágua gelo,  
 Enxaguar a anágua cava na cova cava,  
 Cavar na água a cava cova?

Tardia a tarde ia.  
 Ardía um dia que alardía um ar de alarde.  
 Um lorde sórdido ia...  
 Surdía um surdo na surdina,  
 O sol sorria...  
 Era a fera da era ida,  
 ferida da vida,  
 chave da desenxabida vida,  
 inchada, chá com coalhada.  
 E eu sozinho com meu sósia  
 que é sócio de uma súcia  
 de suicidas da Suíça.

### PANTEONÍMIA

Orestes ora nas fenestras,  
 Herodes degenera as megeras.  
 Egeu rege as hégiras.  
 Pólux colora os pólipos.  
 Protágoras protagoniza os protótipos.  
 Morfeu dá forma às hóstias.  
 Eros prognostica em horóscopos.  
 Os dióscuros escurecem os colossos.  
 Orfeu oferece foro às odes.  
 Galopam ciclopes.  
 Horus ignora o corolário.  
 As Górgonas elaboram mandrágoras.  
 Pan gira o panegírico.  
 Poseidon domina os indômitos.  
 Pandora adora a pândega.  
 Príapo hipnotiza as harpias.  
 Menelau lamenta a melena de Helena.

## HARMONIAS ESTIVAIS

Hermes emerge de ermas ermidas,  
Quimeras se erguendo nas eras.  
Artêmis tematiza as artes sistêmicas.  
Áton emite o étimo.  
Imito, em hemistíquios elípticos,  
os artificios de Ulisses.  
Circe enfeitiça o artífice:  
armistício no ar, sol de solstício.  
Sísifo, fixo a si, sem asfixiar-se,  
cenobita, no ômega do fenômeno,  
fênix numinoso.  
No halo hialino dos instantes  
articulo o artelho da arte.  
Transporto-me nos trâmites intermitentes.  
Transito nos domínios itinerantes.  
Encontro os tronos de ônix de Adônix.  
Se já se me assomam cãs canônicas,  
não abandono os dons de Poseidon.  
No êxodo da insônia, rapto as odes dos rapsodos,  
Nos interlúdios do horizonte, capto lúcidas volúpias.  
Éclogas ônticas despontam nos instantes.  
Evolam-se as túnicas inconsúteis,  
consulto as musas de Catulo  
e augúrios inauguro.  
Alço-me à saga das galáxias,  
giro nos gelos das héguas.  
Do estro ancestral celebro os mistérios.

## VERTIGEM

Ver-te, gen: ver a origem,  
ver dádiva, verdade vertical, vértice,  
vórtice virtual, tudo ver de vertente.  
Verter, ter e ver, inverter.  
Vertigem: virgem aborígene.  
Vestal, vertiginosa esfinge,  
efígie da miragem.  
Verve que ferve,  
erva veraz nas várzeas da voragem,

voando, vigendo, vigilante viagem.  
 No auge de álgida álgebra, genética de Eva:  
 giro hibernal, cibernético virtuosamente:  
 velozes violinos.

## VIAGEM

Vem, vento leve, velar o vazio da vida.  
 Vem, viração veloz, leva a voragem que vem vindo voando.  
 Vem voejar, veleiro vacilante.  
 Vem valsar, vadio vendaval.  
 Vem, volúpia vã, verve varonil.  
 Vai, vertigem, erva virente,  
 me leva leviana ilusão,  
 leveza ligeira, livre levitação.  
 Tarda, tempo das trevas da tormenta,  
 abranda-te, brasa brutal arrebatadora!  
 Afasta-te, fantasma feroz que esfacela,  
 esfrangalha e fere a fibra do fado!  
 Foge, fera que fervilha a fúria.  
 Fica, felicidade efêmera!

## A TENTACÃO

A tentação me tem atado a seus tentáculos.  
 Atento à sua tensão,  
 à obstinação de seus obstáculos,  
 à obsessão, a obsolescência que obsta a obediência,  
 à insistência que insta à ânsia  
 e a instância da abstinência.  
 A tentação me ata e me atém;  
 tem-me atado à tenda,  
 atea-me na teia atea,  
 tem-me no temor da ação.  
 Treme o frêmito,  
 franqueia-me o freio.  
 Trama o trâmite, tem o tônus, o teor do tenor.



Obtém o bônus obsessor.  
À sombra abstinência, o exato senso me isenta.  
A tentação tenaz, tantálica, atávica,  
tanática, tem seu talento e seu talante.  
Seu tálamo alucinante,  
seu Talião alienante,  
seu Aleph, seu alento de Átila,  
láudano traumatizante,  
sua metáfora atritante.  
A tentação tenta tomar-me o tato  
e tem-me atônito.  
Tem o antagônico tom de Antero,  
tem escleroses de Herodes e clero.  
Promete proezas de Proteu e Prometeu  
e protagoniza protótipos de Anteu.

#### APÓSTROFE DA VIDA E DA MORTE

Viver morrendo é não morrer vivendo  
Morrer a vida vivendo a morte sem morrer  
Viver a morte morrendo a vida sem viver  
A vida matando a morte e morrendo  
A morte vivendo a vida e matando  
Viver morto é morrer vivo  
O vivo-morto morre a morte da vida  
O morto-vivo mata a vida da morte  
Viver a vida de morrer  
Morrer a morte de viver  
Matar a vida viva  
Viver a morte morta  
Viver a morte  
Matar a vida  
Vida morta  
Morte viva.  
Morte morta.  
Vida viva.

## OS VEDAS

Os Vedas vivem vedados aos ouvidos duvidosos,  
 Aos inverdadeiros, que não vejam seus veros dados.  
 Os Vedas veem vendados aos devaneios dos vendilhões  
 inveterados,  
 e aos invejosos envenenados de venalidades.  
 Os Vedas vedam-se às vãs vilezas e às vaidades.  
 Vivem velados, irrelados, invalidados  
 aos desventurados que inventam ínvias volúpias inviris,  
 enveredando por veleidades e velejando em vezos.  
 Os Vedas vigem, não vazados aos vícios dos devedores da verdade.  
 Os vedas verdejam verdadeiros  
 aos devotos invictos, aventureiros,  
 virtuosos vencedores de velórios de dores,  
 venerando invulneráveis vórtices;  
 vitoriosos viajantes das vertigens,  
 vislumbrando venturas,  
 voando videntes, varonis, vertebrais,  
 nos virentes vértices das virações universais.

## DITO E FEITO?

Faz tudo o que diz  
 Diz tudo o que faz.  
 Diz que faz e faz  
 Desfaz o que diz que faz  
 Diz que faz e não faz  
 Desdiz o que diz fazer  
 Não diz o que faz.  
 Diz o que não faz  
 Faz e diz  
 Faz e não diz  
 Diz e não faz

## CONHECIMENTO ABSOLUTO

Se tudo é o mesmo que nada  
e não fazer o mesmo que fazer,  
quero o que não quero,  
duvido do que duvido;  
e se a sombra também tem uma sombra,  
é que tudo o que não existe, existe.

## COSMO(A)GONIA

Do caos se fez o cosmos,  
mas o caos não foi tirado do cosmos.  
Pôs-se o cosmos no caos  
e o caos penetrou no cosmos.  
Caos e cosmos se confundem  
no cosmos feito de caos.  
Fez-se caos o umbral do cosmos.  
O cosmos conflagrou-se em caos.  
No caos do cosmos,  
cosmos e caos inseparáveis.  
O cosmos parte do caos  
e o caos é parte do cosmos.  
O caos ficou no cosmos,  
na parte em que o cosmos é caos.  
Que será do que o cosmos tem de caos,  
quando o cosmos expulsar o caos?  
Cosmos e caos irreconciliáveis,  
findos o caos e o cosmos?

## INDAGAÇÕES

- ser é o nada?
- nada é o ser?
- ser é o não-ser?
- não-nada é o ser?
- nada não é o ser?
- nada não é o não-ser?
- ser não é o não-ser?
- não-ser é o nada?

## ÂNIMA

Alma é soma, suma, sêmen.

Alma: ânimo, ômega, una, unânime,  
antro, mantra, mitra, mar.

Alma tudo: tino, ritmo, mundo,  
todo, corpo, vida, névoa, olho,  
além, espaço, luz, alhures, alento.

## PARADOXOS

Vendendo víveres  
comprou mortadela.

Bebeu chá mate,  
mijou água viva.

Achou uma vivenda,  
perdeu uma mortalha.

Trocou um morteiro por um viveiro.

Vivenciou um matadouro.

Mortificação vívida.

## OUTUBRO

Outubro, abre os túneis!

Brande os bronzes, brada.

Abre os umbrais, beija o bólido borbulhante.

Batiza o banjo, esbanja o jorro nos beirais.

Jorra o júbilo, rompe as barreiras,

vaza a vertente de Vêper,

fende os flancos, faz a festa.

Setembro já tece a trama:

traz o transe, traga os tristes.

Outubro ultraja os trâmites,

trina os longes, destrava o traste,

troia trêfego, traça o trajeto,

tange o teto, toma o troho, tisna, tinge,

estremece a tênebra.

## ALMA AR

Alma solar: calma milenar,  
áugures álamos altos.  
Água lunar: hálito álgido – sal aéreo,  
alado, qual álcool de aura abissal.  
Atlas do altar do mar.  
Ave, candelabro estelar,  
austro astral de alabastro.  
Cal, calcário claustro espectral.  
Lácteo lar galaxial.

## RESSONÂNCIAS

Que apreço merece o verso expresso?  
Acesso ao recesso diverso?  
Regresso ao berço do universo?  
O processo de recomeço  
é o avesso do adverso, a ver no Averno?  
Egresso do inferno,  
imerso no progresso, tropeço, tergiverso,  
peço preço controverso,  
excesso que padeço.  
Conheço e anoiteço.

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*

SEGUNDA PARTE  
VIAGEM CLÁSSICA

Editora CRV  
versão para revisão do autor

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*



## MIGUEL ÂNGELO

Pintor, vate, arquiteto e escultor,  
Miguel Ângelo plasmou em pigmentos,  
desde Adão a Jesus, todo o fulgor  
de uma história de glórias e tormentos.

Desvelou, com beleza, luz e cor,  
na galeria dos divos portentos,  
num fausto cintilante de esplendor,  
do Gênese ao Juízo, os adventos.

O forjador das formas e das cores  
ergueu no Capitólio a estátua equestre  
de Marco Aurélio, imperador e mestre.

Ornamentou, com divinos primores,  
a cúpula de arcanos redentores  
de San Pietro, a basílica terrestre.

## GIACOMO CASANOVA

Além da forja vítrea de Vulcano,  
jaz a *Chiesa degli Angeli*, da freira  
que Casanova impressionou de engano,  
levando-a na sua barca sorrateira.

O sedutor galá foi a Murano,  
não para meditar na sua ribeira;  
chegou veloz, qual bóreas, minuano;  
Resgatou do convento a companheira.

Tarado por mulher, o velho esteta  
trocava antífona por bela teta,  
dos arcos de San Marco ao monastério.

Fescenino de notável critério,  
sucumbia às paixões e, nada sério,  
se derretia por uma ninfeta.

## CARAVAGGIO

*Aceso per la forza d'un bel viso,*  
 descarado, impudico e imoral,  
 Caravaggio elevou ao paraíso  
 a bela turbamulta marginal.

Em São Luis dos Franceses, no umbral,  
 pintou um São Mateus, de improviso,  
 e a maldosa Gorgona sem juízo  
 para Del Monte, o astuto Cardeal.

Inclinado à volúpia que seduz,  
 fugiu de Roma como criminoso.  
 Pintou, em contrastes de sombra e luz,  
 o que há no mundo de mais tenebroso,  
 e o martírio dos santos de Jesus.  
 Foi marginal, devasso e religioso.

## HOLDERLIN

Holderlin, em delírio, concebia  
 os Alpes prateados como altares.  
 Tanto se dedicou à poesia,  
 que fez dos deuses seus sublimes pares.

Com paixão férvida e neurastenia,  
 sentiu a Grécia em todos os lugares.  
 Foi oráculo da mitomania.  
 Para Diotima fez seus cantares.

De Empédocles lhe veio todo o empenho,  
 começado na vida anterior.  
 Foi apenas um doido preceptor,  
 conquanto demonstrasse o desempenho  
 de um mago celestial superior,  
 das benesses de Deus merecedor.

## GREGÓRIO DE MATOS

Da canalha mordaz castigador,  
com seus solenes putas-que-os-pariu,  
Dr. Gregório, o Desembargador,  
desmascarou a escória do Brasil.

“Sem modos de cristão” – disse o prior,  
para mandar o esbirro do alguazil  
desterrar a Angola o educador,  
e reduzi-lo ao triste desvario.

Boca do Inferno, como foi chamado  
o primeiro poeta brasileiro,  
das mulatas fez-se useiro e vezeiro.

Às partes delas deu-se por inteiro.  
Depois, fez-se devoto do sagrado  
e consagrou-se à luz do apostolado.

## DOSTOIÉVSKI

Por detestar o que é nocivo e falso,  
passou por um vexame horripilante;  
Dostoiévski, ao subir ao cadafalso,  
foi indultado no último instante.

Padeceu, andou no gelo descalço,  
na siberiana masmorra humilhante.  
Escreveu uma obra que realço,  
como a abelha faz mel, com Deus mediante.

O drama dos Irmãos Karamazov,  
a história de Aliocha, o Idiota,  
Os Demônios, cuja insânia denota,

O Jogador, cuja angústia comove.  
Crime e Castigo de Rascolnicov,  
narrou com o dom que do coração brota.

## BOCAGE

Bocage, o profusor da picardia,  
deixou Setúbal numa arremetida.  
Teceu, em pós de Goa, a fantasia,  
no leme da nau Senhora da Vida.

Escravo de uma sorte perseguida,  
frequentou as tabernas da orgia.  
O cárcere, por culpa imerecida,  
sofreu da peçonhenta confraria.

Tenente de Infantaria em Damão,  
desertou e fugiu para Macau.  
Ironizou a corja e seu bufão.

Disse das brasas da crica e do pau,  
dos transe da certeza mais fatal,  
e lastimou a desesperação.

## GOETHE

Dentre os bardos egrégios superiores,  
Goethe brilhou nas indeléveis cenas  
de Weimar, onde acendeu os alvares  
exuberantes de uma nova Atenas.

Na ribeira do Reno colheu flores,  
encantador de louras e morenas.  
Teve do príncipe os altos favores,  
mas pediu férias ao gentil mecenas  
para ir berber na fonte da beleza  
na Itália, e nos Alpes, da natureza  
contemplar os vegetais e o poente.

Morto Shiller, lagoas de tristeza  
chorou, tendo o consolo complacente  
dos braços de alguma moça indulgente.

## FRANÇOIS VILLON

De *Saint-Benoît* teólogo vidente,  
François Villon meteu-se em algazarra.  
Tornou-se um *coquillard* impenitente.  
Contra um padre brandiu a cimitarra.

Quanto ele, num rompante, incontinenti,  
desfalcou o Colégio de Navarra,  
fugiu, errante, feito um indigente,  
mas o bispo Thimbaud cravou-lhe a garra.

Na prisão, perdeu todos os cabelos.  
saiu dali, prometendo desvelos.  
Brigou com um notário zombeteiro.

O preboste o condenou sem apelos.  
Indultado, no instante derradeiro,  
jamais se soube do seu paradeiro.

## ARETINO

Aretino, o dos versos zombeteiros,  
foi amigo de pulhas e cardeais.  
Organizou colóquios putanheiros  
e escreveu salmos penitenciais.  
Em Roma, fez comícios clericais.  
Em Veneza, frequentou os mosteiros.  
Fornicador convicto e contumaz,  
levou Ticiano aos bordéis feiticeiros.  
Devasso e libertino entre os ateus,  
celebrou da musa o florão veludo  
que o mulherio ostenta tão sanhudo.  
Da liberdade fez o seu escudo  
e morreu confessado e em paz com Deus.

## VINCENT VAN GOGH

O pintor das paisagens amarelas,  
qual cordeiro de Deus, foi imolado  
pelo punhal dos nervos e as sequelas  
das angústias do empenho exacerbado.

Como ninguém comprava as suas telas,  
pelo irmão Théo ele era sustentado.  
Vincent Van Gogh, que estranhas aquarelas  
Pintou com santo afã, alucinado.

No martírio da arte – atroz efeito –  
mutilou a orelha em gesto insano.  
O hospício foi seu habitat mundano.

Depois, o artista segurou o cano  
de um revólver e disparou no peito.  
E o destino arruinado estava feito.

## BALZAC

Balzac é comparável aos Titãs.  
Tomado de ambição árdua, ferrenha,  
Em Paris nos salões das coretesãs,  
a buscar a riqueza ele se empenha.

Se a marquesa nas noites o desdenha,  
a condessa o corteja nas manhãs.  
Uma mina de prata na Sardenha  
foi delírio entre seus doidos afãs.

As despesas e uma dívida imensa  
foram objeto da Comédia Humana.  
Tudo apostou em Hanska, a ucraniana.

Ele a quis como extrema recompensa.  
Dezesseis anos tarda a espera insana.  
E a morte o surpreendeu na luta intensa.

## BAÍA, BAHIA

Alçado ao pedestal, em Salvador,  
Castro Alves recita: pedra e sonho  
Na tarde tropical, cujo torpor  
Vem da estridente luz do mar risonho.

O Forte de São Marcelo, o esplendor,  
a Igreja da Conceição sob o monte,  
o azul da longitude, suave cor.  
Ao longe, Itaparica no horizonte.

A Ponta de Humaitá e os saveiros,  
flutuantes, morosos e altaneiros,  
a lânguida expansão além do cais.

O claro céu de oxigênio fugaz.  
A lisura espelhada dos cristais.  
As nuvens como incensos e luzeiros.

## NOS MEANDROS VERTENTES DA ESPERANÇA

Nos meandros vertentes da esperança,  
navegamos ao Porto da alegria.  
Só se chega na paz pela confiança.  
Com fé no bem da luz de um novo dia.

Que o ano novo seja de bonança  
- vamos chamados pela estrela guia -  
De sombra, de água fresca, e maré mansa,  
a mesa farta e boa companhia.

Que o velho será outra vez menino,  
como da noite aflora o claro dia,  
eis a verdade vital que vaticino.

Nesse laboratório do destino,  
nos filtros mágicos de uma alquimia,  
o mais espesso escorre no mais fino.

## O MAR INTERTEBRADO

O sol derrama elétrons de vapor  
no turbilhão das ondas espumosas.  
Aqui e agora cantam num fragor  
vozes das ventanias venturosas.

O mar invertebrado de fulgor  
brame nas dimensões vertiginosas,  
flagrando nos tecidos nova cor:  
mais um alento de areias ditosas.

Nas estâncias da Praia do Futuro,  
coqueiros oscilantes ante o mar,  
o vento sopra o dia já maduro  
na calidez que a tarde vem gerar.

Caminho à toa, mas ali me apuro,  
ao exercer o ofício de poetar.  
Pelas trilhas da vida vou seguro,  
com fé em Deus, na Terra de Alencar.

Da vida, na vertiginosa estrada,  
um frêmito de êxtase alucina  
os seres vivos, plenos do seu nada.  
Um carrossel de ilusões os ilumina.

Resta a esperança que o sol nos ensina,  
na luz que lava a distância azulada:  
lições de eternidade cristalina,  
como as ondas que animam a enseada.

À luz de um litoral cosmopolita,  
em que a sede do encontro me fascina,  
inauguro, na fonte que me habita,  
artefatos verbais de uma oficina.

Eu quero ser agora um sibarita,  
nas estradas vitais que a tarde ensina,



nos vislumbres do azul que o mar suscita.  
Nas estrelas, transborda minha sina.

As ondas do oceano a galopar,  
nas águas de um amor molhei os pés.  
O sabor do saber vem deleitar  
quem bebe aromas na flor dos vergéis.

Nadei e mergulhei no doce mar,  
tornei suave o espinho do revés.  
Saboreei delícias num pomar,  
cantei a dignidade dos fiéis.

### O DEUS FRATERNAL

A Sibila de Cumas, no repente,  
a Virgílio ditou o vaticínio:  
Que de Apolo viria um descendente,  
exercer sobre os deuses seu domínio.

Registrou Dante, no engenhoso escrínio,  
Vendo Estácio na esfera penitente:  
A virtude do Cristo é o meu fascínio,  
Água clara que brota da nascente.

Cabe ao homem fazer do inferno céu;  
E haverá, neste mundo, leite e mel,  
Jorrando da palavra do Messias.

De Salomão, de Jó, de Isaías,  
Do Oriente, da Grécia, de Israel,  
Dos poetas autores de utopias.

Jesus, o Deus fraterno, veio ser  
a imensidão no corpo de um menino.  
Nasceu, fazendo o mundo renascer,  
o poderoso e bom Homem Divino.

Trouxe o perdão, curou, foi paladino  
na luz do amor, do santo bem-querer.  
Quis Ele, o Rei, sublime peregrino,  
por nós, na cruz, humilde, padecer.

O Infante magistral, o Rei do bem,  
recebeu dos monarcas do Oriente,  
em seu humilde berço de Belém,  
incenso, mirra e ouro de presente.

Fiéis ao puro lume resplendente,  
com as dádivas sagradas do além,  
os reis astrólogos, magos videntes,  
viram o Céu na Terra de repente.

Na circunscrição de Jerusalém,  
Jesus, tão puro quanto a luz e o ar,  
veio trazendo a paz que me convém,  
Quando adentrou as portas do meu lar.

Procedente do eterno e claro além,  
chegou, determinado a nos salvar,  
com a energia mágica do bem,  
que um dia alumbrará todo lugar.

Hierofante do orbe sempiterno,  
da fonte celestial ígneo farol,  
o homem generoso, justo e terno,

é o Salvador que nos livra do inferno,  
autor do mundo infinito e eterno,  
o Rei Universal, Filho do Sol.

## LUZ MATINAL

Luz matinal, vertente fluida e mansa,  
acalmas e consolas de quietude,  
céu de beleza e bem-aventurança,  
cujo clarão inspira-me virtude.

Filigranas florais na verde trança,  
da clorofila vertes a saúde,  
és a vida de um Deus que não descansa.  
És a bondade que jamais ilude.

Somos irmãos da luz azul do espaço.  
Ambos reflexos d' *anima* cristã.  
- Há perfeição em tudo quanto eu faço,  
declarou Deus, a Consciência sã  
que fez o mundo, como fosse um laço,

ligando a terra à estrela Aldebarã;  
fez vasto o bem e o cuidado escasso  
e pôs em nós a força desse afã.

## NO PARQUE DO RETIRO EM MADRI

*Beija a peçonha e não se contamina,*  
(Augusto dos Anjos)

Esplêndido jardim imaculado,  
que a civilização conserva e doura,  
ostentas o folharal matizado:  
cor vegetal de luz encantadora.

Caminho alegre, qual um ser alado,  
afortunada visão que atesoura  
as plantas mansas, o céu azulado  
e essa beatitude acalmadora.

A melancólica felicidade,  
a perfeição da vida, embora breve,  
estas consolações de ebriedade;

prazeres que só sabem quem os teve.  
Sombras de alento e generosidade,  
feitas deleite que sempre se eleve...

As dádivas, antes que o tempo as leve,  
delas fruiremos à saciedade,  
embaixo da luz clara como neve.

Perto da natureza que fascina,  
o homem já não sofre nem oprime,

fica menos violento e se redime,  
*beija a peçonha e não se contamina.*

Nada há que ofenda nem que desanime  
o seu belo ideal que é a própria sina.  
Do vento a essência é pura vitamina,  
fazendo-o vigoroso e tão sublime.

## ESPERANÇAS DE SETEMBRO

Setembro vem na luz crepuscular.  
Peço à vida momentos de bonança  
e o êxtase – transmissor do ar:  
viver é inebriar-se de esperança.

Num doce afã de ver e contemplar,  
ó tempo eterno, que, no entanto, avanças,  
deixa que eu viva a tarde singular,  
sentindo o bem-estar das temperanças.

Natura, estás em mim e na paisagem:  
na luz do dia que nos vitaliza,  
na água que do céu reflete a imagem,  
nas nervuras, onde cintila a brisa.

Na noite, cujo fármaco energiza  
das sinapses, no córtex, a mensagem.  
O fluxo dos neurônios se eteriza  
na vida em que te mostras qual miragem!

Vou vespertino, respirando o vento,  
venho das iluminações das eras.  
Perlustro a fina luz do pensamento:  
poeta sou, no drama das quimeras.

Meu verso é meu vertiginoso alento.  
Vejo o fulgor das aéreas esferas.  
Na celestial beleza me sustento,  
pisando o chão de antigas primaveras.

Tudo transita no vergel do dia.  
O vento vem, num rumor musical.  
Reluz, nas vibrações da melodia,  
da natureza o brilho colossal.

Sopro vital que instila a luz da vida  
no corpo, esse depósito do além,  
és o arrimo, a esperança e a guarida.

O amor afortunado me convida  
a respirar o ar, supremo bem,  
dita celeste que de ti me vem.

À luz do Sol, em que meu ser confia,  
expeditando o meu profuso ofício,  
canto o verbo existir, sem desperdício.

Ao sabor do equinócio e do solstício,  
vivo qual peregrino da alegria,  
devoto inveterado da poesia.

## SONORIDADE LÍQUIDA

Murmúrio d'água, fluido primitivo,  
do alto acolhes o mundano abismo.  
Na melodia em que me tens cativo,  
nas coisas celestiais contigo cismo.

Fonte vital do sonho e do lirismo,  
és a bênção que acalma o afolivo.  
És sonoro Jordão do meu batismo,  
por teu precioso bem respiro e vivo.

Tens a delicadeza musical  
dos anjos que solfejam nas estrelas,  
nas órbitas do reino celestial.

Cantas nas ondas e, para tangê-las,  
tens o mistério da voz ancestral  
e o primigênio enlevo fraternal.

## DESIDÉRIO FRATERO

Se fosse rei do mundo, eu mandaria  
que se tornasse honesto o meliante,  
que o patife largasse a covardia  
De assassinar o próprio semelhante.

No Brasil, por exemplo, é uma agonia  
ver tanta gente pobre e ignorante.  
Trezentas mil escolas eu faria  
para forjar um país estudante.

Somos hoje reféns da crueldade.  
Vamos fazer um pacto de união  
pela graça do amor à lealdade.

Se cada ser humano é um irmão,  
é uma família toda a humanidade.  
Vamos falar dessa fraternidade?

## TIRÉSIAS, O VIDENTE DE TEBAS

Longa vida teve, de sete gerações,  
o cego adivinho de Tebas.  
Tirésias subia ao Monte Citerão,  
perscrutava o canto dos pássaros  
e predizia a sorte dos mortais.  
Para alijar da cidade a peste que matava os rebanhos,  
o rei Édipo exigiu  
que o conhecedor do oculto e do celeste  
o ajudasse a cumprir o veredicto de Apolo.  
Ignorante de sua condição de parricida,  
Édipo, custasse o que custasse,  
castigaria o assassino de Laio,  
seu antecessor no trono de Tebas.  
O vidente lamentou o dever  
de anunciar ao monarca a inevitável desgraça.  
Etéocles e Polínice,  
os dois descendentes de Édipo,  
prenderam o pai.  
E, na loucura sanguinária do ódio,

travaram luta, a fogo e ferro,  
até matarem um ao outro  
junto à porta de Electra.  
Creonte, tio dos jovens, herda o trono,  
glorifica o cadáver de Etéocles,  
desenterra o corpo de Polinice  
e sentencia, mortalmente, a sobrinha Antígona,  
que se obstinava em dar sepultamento ao irmão.  
O vidente, servidor de Lóxias, recrimina Creonte  
por haver pisoteado os deuses,  
ao deixar cadáveres à mercê das feras.  
O golpe fatal das Erínias  
galopou sobre o espinhaço do déspota.  
Por um infante guiado, aos adultos guiando,  
sem ver, Tirésias rastreava o desconhecido.

### CASSANDRA, PRINCESA E PROFETISA

A princesa Cassandra,  
a mais bela das jovens troianas,  
advertiu seu galante irmão Páris,  
para que não aceitasse o desafio de Éris  
e se eximisse de copular com Helena,  
a mulher de Menelau.  
O inumerável exército argivo lançaria sobre Troia  
o fogo que reduziria a cinzas todas as almas.  
O efebo Páris, louro e belo,  
assistido pelo branco e manso gado,  
pôs no chão o escudo e o elmo,  
entregando a Afrodite  
o cobiçado pomo de ouro.  
Deu-lhe a deusa da volúpia  
a amarga luxúria de Helena.  
Cassandra anteviu, no reflexo das águas,  
os trágicos acontecimentos:  
Heitor sangrado pela espada de Aquiles,  
Páris flechado mortalmente por Filotectes  
e Príamo degolado por Neoptólemo.  
Advertiu, em vão, os troianos

sobre a perfídia do cavalo de madeira.  
 Depois de dez anos de incêndios  
 e gritos de desespero,  
 quando de Troia só restavam escombros,  
 a princesa avisou Agamenon, inutilmente,  
 que não regressasse a seu reino,  
 porque ali seria recebido a punhaladas.

### A MAIS SUBLIME PROEZA DE TESEU

A mais sublime proeza de Teseu,  
 Príncipe de Atenas,  
 não foi arbitrar a paz  
 entre os bandoleiros tebanos e argivos,  
 nem acolher o desgraçado Édipo,  
 castigado pelo próprio destino.  
 Foi salvar os atenienses  
 das garras de tigre do monstro com cabeça de touro,  
 que devorava moças e rapazes atenienses.  
 Voluntário, entre os reféns,  
 com o novelo e a espada que lhe dera Ariadne,  
 a generosa filha do tirano de Creta,  
 Teseu entrou no fatídico labirinto,  
 golpeou, derrubou e degolou  
 o terrível Minotauro,  
 que contra ele se lançara com berros de aberração.  
 Três dias e três noites buscou Teseu  
 o novelo que, na luta, lhe escapou das mãos,  
 até encontrá-lo num recanto do antro escuro.  
 Depois de libertar os atenienses da hecatombe,  
 celebrou a vitória com libações de júbilo  
 e partiu com Ariadne à ilha de Naxos.

### ORFEU, O CITAREDO TRÁCIO

Tangendo, na cítara, o acalanto dos venturosos ritmos,  
 despediu-se Orfeu da ternura de Eurídice,  
 que, com ele, entoava, melancolicamente,  
 amavios de inefável êxtase.



Partiu com os argonautas para resgatar, na Cólquida,  
a preciosa pele de ouro do sagrado carneiro.  
Da perigosa aventura regressou,  
mas não reviu mais a delicada e sensual noiva,  
de rosto suave e feiticeiros olhos.  
A peçonha de uma serpe a transportara  
aos breus da noite antiga.  
Aos báratros desceria ele, viajaria pelo espaço infinito  
e atravessaria mil vezes o Aqueronte,  
para trazer de volta, da última caverna do universo,  
a Amada, cujos doces lábios tantas vezes beijara,  
entre palavras sussurradas,  
nos amorosos bosques da Trácia.  
Cantou, no escabroso ergástulo,  
uma melodia tão bela, que Íxion parou a roda do tempo.  
Perséfone, a rainha das trevas,  
condoeu-se da elegia nostálgica de Orfeu  
e prometeu devolver-lhe a nubente,  
contanto que ele partisse à frente,  
sem duvidar que Eurídice o acompanharia  
pelas brumas abissais.  
Arrebatado de ânsia e de saudade,  
ele se voltou para ver o delicado sorriso da noiva  
e a imagem de Eurídice se esvaiu.  
Dilacerado, chorou o aedo no monte Pangeu.  
As bacantes, em vão, tentaram seduzi-lo.  
Seu pranto não cessou  
até que a Via Láctea o acolheu  
numa eclosão de claridade e refrigério.  
Tornou-se Orfeu o detentor  
dos archotes dos ritos propiciatórios.

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*

TERCEIRA PARTE

ESTÂNCIA EXISTENCIAL

Editora CRV  
versão para revisão do autor

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*

## RETRATOS

Os espectros pululam na crosta de concreto.  
Aparece o que dorme na calçada.  
O maltrapilho da perna gangrenada.  
O menino, cara de homem, que o segurança afugenta.  
A que se senta com a criança à porta do Banco do Brasil.  
O de rosto cheio de cicatrizes, dizendo que tem fome.  
O que dorme em diagonal, com a cabeça na parede,  
em frente ao Cine Roxy.  
O de cara inchada, deitado na parada do ônibus.  
Um, todo sujo, estendendo o braço sem mão.  
Outro, bêbado, na porta do boteco, berrando feito um camelo.  
Todos inconscientes do próprio mórbido gesto de ruptura.  
Como se reconciliarão com o mundo?

Os pobres cobiçam os pratos dos comensais.  
A garçonete os afugenta.  
A mulher negra, descalça, grávida  
e com a barriga à mostra, corre pela rua.  
O homem, também negro,  
lhe bate nas costas com um jornal.  
Do outro lado da avenida,  
duas mulheres brancas levam seus cachorros,  
vestidos com fantasias.  
Os vigias dos prédios espiam, por trás das grades.

Às quatro da madrugada, o táxi para, surge o garoto.  
“Pelo amor de Deus...” Pago a conta.  
O infeliz insiste, à janela do carro:  
“Tô com fome...”  
Corro à entrada do prédio, onde o porteiro,  
mordido de sonolência, tarda,  
mas, ao fim, abre a porta.

O menino dorme, pernas abertas, mais caído que deitado.  
Na boca entreaberta, entre os dentes sujos,  
um grão de amendoim.  
Está menos dormido que desmaiado.  
As costelas expostas sob a pele encardida.

Não é Morfeu, mas Tântatos, quem vela por esse êxtase.  
Os transeuntes passam, pisando o chão das contingências.  
Os ruídos gerais apagam a cena.

O sujeito esquelético, pálido, barba rala,  
babando caninamente, pede moeda.  
Dou-lhe um real.  
Passa entre nós um morenãu altaneiro;  
o rapaz decrépito se anima  
a solicitar-lhe o óbolo que crê merecer.  
O solicitado responde, seco:  
dou-te uma porrada, se tu vier com conversa.

Noite de sábado, as multidões se agitam.  
Uma enorme ratazana corre, estonteada,  
em frente à lanchonete da rua Miguel Lemos.  
Preparo o chute.  
O bicho deriva pela avenida e, ao voltar,  
fugindo dos carros, assusta uma moça.  
O pontapé certeiro de um mulato o nocauteia.  
Outro expectante o atinge com um tiro de sapato; grita:  
“Tão com medo de rato?”  
No morro é só o que tem!”  
Antes que o pneu de um carro esmague o roedor,  
um gol na TV rouba todas as atenções.

## TARDES HEDONISTAS

Tomo de um trago a efusão visual.  
Dois dias de chuva e o azul reverberou.  
Abriu-se geomântico, desvendando o prodigioso colosso.  
Diamantina fornalha, o azul insondável!  
Não me falem dos flagelos da cidade.  
Só tenho ouvidos para essa degustação.  
Celebro sofregamente as soluções.  
Nada me consterna fora da minha obsessão.  
Não me falem de violência.  
Eu sou a personificação da paz.  
Bebo o vinho da vida, adivinho-me e me divinizo.

Alto é o propósito e, com reverência, me aproximo da água.  
O oceano simboliza o meu ideal.  
Natureza, tu que fecundas a vida em toda parte,  
dá-me a tua bênção.  
Faze de mim um dos que receberam a auréola dos astros!

Na proa do dia, navego em amplitude.  
Mais que a pedra do tempo, busco a fluidez.  
Eu que vejo mistério em tudo.  
Eu que me alumbro de esperança.  
Eu que fico perplexo, mirando o navio espacial,  
não encontro arrimo em nada, exceto nessa expansão volátil.  
Eu que me comovo diante das coisas aéreas,  
e que invento castelos inexistentes,  
vejo no poente a alma da natureza.  
Na púrpura dourada de hidrogênio, como na sombra das areias,  
escuto a flauta do vento e a percussão das águas.  
Nunca vi o mar assim, tão encantado de murmúrios de espuma!

## CONTEMPLADOR DE ANDORINHAS

Desfruto agora de sons e cores,  
imerso em minutos sublimes.  
No bosque prazeroso,  
idolatro a pureza do ar.  
Longe do estardalhaço da cidade  
– entre relvas úmidas e folhas secas –  
ando absorto, em lírica paixão.  
Recuso a indústria tumultuosa.  
Sou um contemplador de andorinhas.  
Minha verdade é uma utopia:  
um celestial sentir metafísico.  
Só, pela vereda marginal,  
busco a sinestesia perfeita,  
na manhã evasiva do tempo.

*Madri, 07/11/2013.*

## COM O REPOUSO NA ALMA

Sem as razões obscuras do medo,  
sinto venturosamente o fluir das horas.  
Observo a fábula serena do vento  
acalmar as vozes da inquietude íntima.  
Viagem em que não me aflijo.  
Natureza, generosa dádiva!  
Momento em que a vida me pesa pouco:  
tenho a essência do repouso na alma.  
Alvíssaras da percepção,  
isentas do alarde coletivo.

*Madri, 08/11/2013.*

## ÓCIO

Abstraio-me da realidade:  
um nada para fazer auspicioso  
e uma fome de luz me assediam.  
Fremente liberdade esotérica!  
Despreocupação,  
hora decisiva de seguir  
o desvão tranquilo da torrente  
como quem se extravia num sonho.  
Ócio imprescindível que exercito,  
à revelia da sociedade,  
estupefato e estonteado  
pela parafernália mundana  
e pelo mistério de existir.

*Madri, 15/11/2013.*



## RUAS DE IDÍLIO

O estardalhaço da avenida  
não me retira da suspensão.  
Pertencer à expansão do dia,  
ver o espelho da realidade.  
Em peregrinas ruas de idílio,  
sinto brandos devaneios líricos  
e contemplo a luz do sol fraterno,  
à espera da fé transformadora.

*Madri, 20/11/2013.*

## CALÍGRAFO DO AGORA

Na ribeira verde deste rio,  
manancial de água inspiradora,  
passeio, contemplando a fluidez.  
Sigo meu rito, no ritmo do seu deslizar,  
em velozes ondas de pensamento.  
De hialino hidrogênio me alumbro,  
no aéreo caudal de abstrata lavra.  
Calígrafo do agora,  
nadando em visionária imagem,  
com signos líquidos,  
registro em meu diário itinerante:  
*O rio é metáfora da vida:  
entrega-se feliz ao verbo misterioso do instante.*

*Sevilha, 09/11/2013.*

## AS PLANTAS

As plantas não têm metafísica.  
Existem, livres da perplexidade,  
e não pensam na distância das recordações.  
Não há mistério no seu veludo dissonante.  
Bebem um fulgor silente,  
sem sortilégio e sem abismo.  
Seu sonhar, desprovido de voz interna,  
dialoga com a brisa sobre o Nada.  
Suntuosas e humildes,  
respiram luxuriosamente,  
celebradas pelos ingênuos pássaros,  
que habitam seus vibrantes ramos estendidos.  
Sem o temor devoto da fortuna,  
sentem delicadamente a humana presença,  
mediante o magnetismo etéreo que captam  
com o seu pigmento clorofilado.

*Madri, 12/05/2014.*

## AUGÚRIOS DO TEMPO

O presente derrama o seu cântaro  
na enxurrada das sensações.  
O passado é um sonho xamanista,  
no assombro dos vespertinos ideais.  
Que o futuro recorde o prazer  
de refugiar-me nesta praça  
e o harmonioso pacto  
desta calma repentina.  
Longe da aflição insidiosa das ruas,  
em nome de uma aventura serena,  
os pássaros sopram agudos clarinetes,  
e as árvores deixam cair as folhas.  
Distante da claustrofobia dos compartimentos,  
anestésio o apego  
e abandono a tormentosa  
cronologia dos relógios.

## A JORNADA DO ENCANTO

Caminho como quem exorciza  
os demônios da angústia existencial.  
O inverno fez estragos no bosque.  
Emoções e pensamentos vão  
obsedaram-me até o momento.  
Suave é a sede de saber!  
Os obstáculos desaparecem,  
quando flui a jornada do encanto.  
A luz do dia como certeza,  
a fé no estranho milagre humano  
e a esperança contra a dúvida.  
Qualquer música que me redima!  
Consolo, bálsamo de quietude  
e o bom senso, apesar dos pesares.

## LUZ

Luz terapêutica, silencioso  
recanto ajardinado e canoro,  
que demando impenitente.  
Receio meu próprio medo,  
agridoce luz cotidiana!  
Essência de universal bondade,  
venho beber de teu manso eflúvio.  
És a verdade absoluta,  
cintilante e sublime cristal.  
Que todos os homens te bendigam,  
divina centelha de todos os seres!  
Luz cuja lei é suave e o fardo, leve.  
Imagem da perfeição que adoro.

## HAICAIS

Prados de luz,  
triunfos da tarde,  
deslumbramento.

Mirada ao céu,  
prazer dos sentidos.  
Passeio aéreo.

Névoa de sombra,  
lunar de alabastro,  
horto de aromas.

Plácidas águas.  
O viajante contempla  
voos rasantes.

Sob as nuvens,  
o perfil das coisas:  
celeste remanso.

Cruzo a névoa,  
em noite de temor,  
e adentro o dia.

Cristal de lua,  
archote, pérola viva,  
castelo astral.

## ENSIMESMADO

Volto acendrado ao inefável jardim  
e escrevo com arrojo.  
Voando, assisto a esse mover-me sem rumo.  
Contemplarei as flores  
imantadas e brilhantes,  
até que os céus me brindem  
com a cristalina luz do sentir.  
Aspiro o aroma feliz  
de uma liberdade sem culpa.  
Esta sublimação ativa  
– que me agita os neurônios –  
suscita o céu em meu cérebro,  
em velocidade alterada de tempo.  
Vislumbro o hidrogênio azulado  
e me comovo, ébrio de enzimas frenéticas.

## JARDIM DE LUZ

Num delicioso remanso primaveril,  
à sombra de cristalino fervor,  
ando aluminado pelas sensações.  
Como as aves do deserto demandam o oásis,  
inspiro-me na quietude do jardim.  
Fúlgidas corolas  
cingem nectáreas pétalas ardentes.  
Tudo que preciso é sentar-me na relva,  
de perfil para o Sol,  
em comunhão com o silêncio  
e vibrar em uníssono  
com a energia cósmica.  
Basta concentrar-me em minha respiração.  
Tornei-me perito  
na abstração transcendental dos eremitas.  
O abdômen sob controle  
e na postura de lótus.

## SOLICITAÇÃO AOS AMIGOS

No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga.

Conduzam-me cuidadosamente  
ao largo da perspectiva indelével,  
para que eu desfrute a visão do relevo.  
Que eu me extasie diante da flora mágica  
e das assombrosas grandezas,  
beijadas pela luz da tarde apaixonante.

No dia 22 de maio concedam-me o gosto desta prenda.

O olhar que veleja clarividente se alça até os cimos.

O estrugir das vagas percute reverberações.

A voz da profundidade narra a história das águas.

O corpo permite que o espírito  
aprecie o reverter dos turbilhões  
e os aprazíveis sopros dos lumes coruscantes.

No dia 22 de maio levem-me a passear em Piratininga.

O espírito saberá agradecer-lhes,  
com uma palavra de perplexidade.

## INSTANTE NA URCA

Minha solidão, os barcos, a inquietude do mar  
e o tempo nebuloso...

O frio insólito de setembro,  
essa angústia dos carros na rua estreita...

Mas, ao menos a perspectiva é de alumbramento.

Em mim, a visão dos prédios é um arco-íris,  
com a esperança de um tempo que se reconstitui.

Que esse desejo de sol me aqueça o gelo interior  
e derrame azul na moldura da paisagem.

(A cidade se descortina em sinuosas simetrias.)

Aves do céu, trazei os fulgores do dia!

## MEDITAÇÃO LÍRICA

Aquela tarde em que eu te falava da atração das almas.

Aquela claridade no mar  
como esse luar inebriante.

Eu te falava de um prazer luminoso,  
além das carícias da pele.

Eu te oferecia as tonalidades do céu,  
a paz das luzes azuis.

Foi tudo uma torrente, um redemoinho  
que rodopiou comigo num vendaval.

Estou ainda atônito nesse mistério.

Permaneço perplexo, encantado  
e tenho as sensações translúcidas,  
depois daquele oásis de emoção.

Imergi no âmago do tédio.

Preciso acreditar de novo na perspectiva do futuro.

Preciso me reanimar na contemplação das manhãs.

Mas, na saudade dos gloriosos momentos,  
são trevas o presente, o passado é luz.

Quisera trocar a escuridão desse dia  
pela noite em que viajei sobre o esplendor.

Durmo hoje, sonâmbulo.

Outrora despertava em plenitude.

Eram corcéis as horas daquele tempo.

São velórios os minutos.

O mar chora comigo.

Um céu sem cor

como eu, sombrio, de procelas transido,  
discorre ante os meus olhos sem fulgor.

O mar parece que se lamenta como eu.

A lua foge do céu  
quando converso com a minha solidão.

Eu tão sofrido!

Na rua da amargura, consumido de perdição.

O amor me avassalou com seu mistério,  
escravizou-me ao fulgor da beleza.

Vê a incerteza do meu firmamento!

A natureza pródiga, encantada,  
forjou para delírio dos mortais,  
qual chuva que ilumina a madrugada,  
uma dádiva que a vida me trouxe  
entre ternuras, um raro esplendor.  
Amor feriu-me de transida seta.  
E nada me parece certo ou sério,  
se não provém dessa delicadeza,  
desse prodigioso quebranto que mudou meu pensamento.

Tristes são as tardes em que os poetas morrem de amor.

Maio com suas amenidades,  
o ar festivo de certos logradouros,  
os transeuntes banais e os edifícios decadentes,  
na alegre estação,  
se me afiguram dolente amargura.

Que eu só quero contemplar os astros,  
embriagado de lamentos  
e sentir nos ares os perfumes que bebi outrora!  
Para exorcizar os tormentos em que me agito,  
um sossego ilusório vibra  
no deleite da brisa.

Voga o barco ligeiro do meu pensamento  
no transparente lago das minhas lágrimas.

Estive doido durante algumas semanas.  
A vida me submeteu a um tratamento de choque.

Mas ai, despótica lucidez,  
resistirias a um novo assédio daquele desvario?  
Desprezarias a magnitude daquele fascinante afã?

Pois eu troco dez anos de sensatez  
por alguns dias daquele delírio.  
Consagro a alma à mais dissoluta vertigem,  
antes que ao discernimento da razão.

Dou todo o oceano do juízo  
por uma gota daquela temeridade.

Mil vezes o ardor daquela ferida  
que o frio bálsamo desta indiferença.

Esperança, pão dos aflitos,  
nesta casa abandonada,



gelado de expectativas,  
ponho-me ao abrigo do teu divã.  
Às fontes encosto o ouvido,  
perscruto o presságio dos pássaros,  
consulto os nubes.  
Os véus noturnos nada me anunciam.  
Em frente há uma montanha árida,  
a torre de uma igreja mal-assombrada,  
com ápices ameaçadores.  
Sou um rei despossuído,  
um ex-barão assinalado,  
cujo trono é um sarcófago sobre um tapete de ausência.  
Espero ainda palavras lindas como flores?  
Ainda que os meus olhos se extasiem diante do esplendor,  
esta comoção me pesa sobre a alma  
com a perspectiva de um relógio parado.  
No ermo, verdugo de mim, indago aos meus suspiros:  
haverá notícia alvissareira?  
Que restou de tanto encantamento?  
Da luz das coisas pretéritas?  
Da comoção de tanto esplendor?  
Abro a porta diante do nevoeiro,  
transponho os rochedos da noite atroz,  
sob o influxo das horas pesadas.  
Meu refúgio é a miragem das ânsias.  
A vastidão do mar é a minha única companhia.  
Até quando estarei distante do meu astro?  
Quando é que meu coração nunca mais há de ser triste?  
Era uma vez um tempo banhado em luz.  
Um tempo de ígnea transcendência.  
Os sentidos imersos em dourada brisa.  
Um tempo que explodiu na viagem dos sentidos.  
O silêncio se fez amargo com um frêmito.  
Um presságio na espuma dissolvida.  
Memória de anoitecida químera.  
Foi ontem, foi agora, tenho ainda nos lábios a maresia,  
o aroma, ao sol que arde depois da névoa,  
nos cristais do mar.

Estou de mãos vazias.  
Mas o que passou renasce no vento,  
orvalho que escorre na cinza fria,  
ocaso que refaz a saga dos desencontros.  
Estrela da tarde, viajante do enigma,  
madrugada nas encruzilhadas.  
Os gatos gemem sob o luar.  
Que venha a mensagem das constelações!  
Dádiva perfumada de maravilhas,  
relâmpago em todos os quadrantes!

## AVISOS FÚNEBRES

Não posso continuar assim,  
tendo uma casa assombrada na alma.  
Clarões de lua nos espelhos,  
nos vãos sombrios das escadas,  
nos porões silenciosos.  
Há mulheres armadas para o martírio  
e fragmentos de gente pelos ares.  
Por trás das colunas e paredes escuras,  
os fantasmas se apoderam dos gatos,  
que gemem danadamente sob o influxo lunar.  
Os refugiados afogam-se num charco de sangue.  
Os homicidas traficam à ponta de pistola.  
Os agentes de segurança cobram para não assaltar.  
O cartel bélico tem sequazes confiáveis.  
Horrores espetaculares  
transitam ao redor do matadouro.  
Governos delinquentes estampam ícones de altivez.  
O transbordo das armas atômicas,  
pedras contra tanques, gritos contra mísseis.  
O soldado que dispara contra o medo.  
Noite de velório sobre o mundo.  
Quem pode continuar assim?

## O MASSACRE DE JENIN

Crianças choravam e corriam.  
Famílias se escondiam nos porões.  
Franco-atiradores disparavam de cima dos prédios.  
Helicópteros Apache jorravam mísseis,  
despedaçando casas.  
Tanques passavam sobre os habitantes.  
Foram 71 mísseis, disparados em menos de 30 minutos.  
Os tanques e mísseis devastavam tudo.  
Entre corpos esmagados,  
os que fugiam eram executados.  
Ouvem-se ainda tiros,  
enquanto os pequeninos choram de frio e fome.  
Há crianças que pedem explosivos para a vingança.  
A destruição foi total, avassaladora e desesperante.  
De vez em quando, um corpo é encontrado.  
Nasser Abu Hatab, deficiente mental,  
foi alvejado uma vez na cabeça  
e nove vezes no peito.  
Hafaf Dusoky foi assassinado através da porta,  
fechada por ele, para que não entrassem os invasores.  
Os assassinos espreitam.  
Fedem os cadáveres insepultos.  
De tudo (prédios, ruas e casas)  
restou uma vasta cratera de entulhos.  
Hoje, o holocausto é na Palestina.  
Nas aldeias arrasadas da Palestina.

## TÉDIO SACRAMENTAL

Ponho bálsamos verdes,  
onde os mosquitos laceram.  
Armado até os dentes de paciência,  
pago — penitente — todos os pecados.  
Como o pão cotidiano da angústia.  
A situação asfixia.  
A peleja extrapola os meus neurônios.  
Sofro, resignado, ruminando desmandos.

Noite longa, no desconcerto da semana.  
Enquanto espero a ressurreição da Lua,  
recorro ao tédio sacramental.

### CONTRA O OMINOSO HOMEM

Qual gota de lama num copo d'água,  
um elemento nocivo contamina o ambiente.  
Um sujeito prepotente, salafatório,  
deve ser demitido, por demente.  
Em nome do bem-estar geral,  
fora com esse espantinho infeliz!  
Um indivíduo indevido é infernal,  
é deprimente, dá asco e alergia.  
Dá comichão, provoca náusea  
e é motivo de toda aleivosia.  
Contra todos os tiranos do mundo  
vai esta moção de repugnância.  
Esta imprecação, esse repúdio rotundo.  
O energúmeno, em última instância,  
suscita-me horror a sua fuça.  
E quem quiser que vista a carapuça.

### REFLEXÃO

Deveria eu escrever esses libelos que ora escrevo  
contra gente ignara,  
gente que ascendeu de súbito  
da barbárie à burguesia  
e que não tem culpa de própria ignorância?  
Mas, se tanto escrevo, é que me moveu  
legítimo impulso irrefreável.  
Não sei como isentar os insensatos.  
Gente que injeta chumbo na alma,  
sem consciência do próprio mal.  
Seria possível ensinar-lhes a ser menos idiotas?  
Estariam eles dispostos a aprender algo?  
O silêncio conspira contra o sono.

À noite toda refleti sobre esse dilema..  
Dormi dois minutos, talvez.  
Gritos, alarmes e lambretas  
despertam a cidade miserável.  
Amanhece na zona do barulho.

## UM ESTRANHO NO NINHO

*«A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo»  
Eurípides*

Se sou tratado de forma energúmena,  
é de inveja, porque vivo abrigado à sombra das estrelas.  
Porque não ando curvado no âmbito do rebanho,  
nem sou dos delinqüentes autoritários  
que apregoam a guerra eterna.  
Eis-me tábua rasa dos abusos.  
Mas não me queiram com a cabeça coberta de cinzas,  
carregando a bandeira do engodo.  
Não sei viver no aviltamento.  
Espreita-me o esbirro,  
porque me compadeço do sangue derramado.  
Inveja-me o medíocre, incapaz de viver como eu vivo.  
Meu ar de plenitude os desmascara.  
Desesperem-se os mesquinhos!  
Não lhes apedrejarei o mausoléu.  
O mau exemplo não me contagia.  
Afinal, a predição cumpriu-se:  
o escárnio deles me engrandeceu.  
A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo.

## RONDÓ PURGATIVO

Que merece essa gentalha feia  
que abusa da paciência alheia?  
Cadeia.  
Que prêmio é justo para a insensata  
e malfeitora turba canalhocrata?

Chibata.

E a canalha invererada de topete  
que ostenta pose de suspensório e colete?

Cacete.

Aos crápulas que fazem barulho de noite.

Que Satanás os acoite.

Açoite.

E os primatas dos tempos da cova,  
por essa algazarra merecem que prova?

Sova.

Que remédio cura a palhaçada,  
a pândega dessa corja safada?

Porrada.

Cadeia, chibata e cacete  
é pouco pra esse cacoete.

Açoite, sova e porrada  
para essa esculhambação não é nada.

## EPOPEIA MARÍTIMA

Do mirífico pontilhar de Niterói,  
aos pés do sinuoso relevo,  
até as pedras ocreas do Forte de Copacabana,  
o céu se debruça sobre a tarde anoitecida.  
Borboleteiam gaivotas como pétalas  
derramadas no manto glacial das nuvens.  
A flor das águas exala extático esplendor.  
A espuma borda o esmalte azul-turquesa.  
O vento insufla a neblina intemperante.  
Passeio, escutando o ritmo imortal  
que embala a alma atormentada.  
Entre o regozijo manso  
e a dolorosa oscilação do sentimento,  
o sereno milagroso da sombra estremeçada.  
Oh, poderosa flutuação de filamentos  
que se precipitam em ardentes pulsações!  
Filho do Tempo, doador do frêmito das mutações!  
Na festa do ar e da luz,  
tens no pulso a música das torrentes vertiginosas.

Magnífica miração de melodia.  
Alegre, alado, aos ares elevado,  
vem voejar no vento venturoso.  
Giras os espelhos álacres em filigranas hialinas.  
Bebo nas pálpebras a limpidez  
com que afugentas os demônios.  
A alegria devocional das crepitações.  
Guarda o segredo do meu grito renegado!  
Projeta na Aurora do presente  
o prodigioso tumulto de sensações!  
Abandono-me ao vento  
na fulgurante fuga evanescente.  
Sete graus de latitude sul,  
sob o Trópico de Capricórnio,  
Copacabana, bordada de espumas,  
até o istmo onde começa Ipanema.  
Respiro meandros de floresta e mar.  
Quando a dolência aflige os atribulados,  
és o bálsamo vaporoso,  
onde esvoaçam os humanos tormentos.  
Primitivo pai do animal triste,  
cuja infância ignora o peso sepulcral.  
O que implora o teu murmúrio fraterno  
viajará num navio, mar de topázios diluídos.  
Sob o céu cor de açucena, miragem de suavidade,  
expandes a maravilha da tua aragem inebriante.  
Sopras a energia vespertina como um soluço.  
Desvelas a bruma do futuro  
e escondes as longínquas cidades aéreas.  
Na evasão dos teus clamores,  
flui o acalanto que me consola.  
Perfume velando a noite de refrigério,  
orvalho que dilui as brumas deletérias.  
Nevoeiro de espasmos desgarrados,  
suscitas vendavais de vertigem.  
Teus vórtices de furores lançaste  
contra os barcos de Eneias.  
Ao trânsfuga da ilha calipígia  
arrancaste do leme,  
nos escarcéus da procela.

Teu ímpeto indômito bradaste  
 contra o Gama intrépido,  
 que o tremor da tua voragem cometeu.  
 Que importa se tudo voltará a ser nada?  
 Lavas a alma da mágoa na viagem mutante.  
 Flutuas, sem expectativa,  
 imensa lágrima musical!  
 Reverbera volátil a votiva festa do dia!  
 Canta, exclamação, à graça das virações!  
 Oh Grande exorcista,  
 os infernos atravesso  
 para chegar aos pés dos teus eflúvios!  
 Aos teus pés aprendo o que será.  
 A melodia que entoas,  
 forjador de revoadas,  
 reitera a tua fervura pletórica,  
 abrupta jazida flamejante, suave policromia.  
 Em aliança com a doçura da tarde,  
 derramas o teu clarão magnético  
 sobre o meu silêncio anoitecido.  
 Na esmaltada esplanada diamantina,  
 teu cântico de vagas fluorescentes  
 limpa o mundo da infâmia.  
 Embalas o homem taciturno  
 com o generoso abraço da tua dança buliçosa.  
 És liberdade, represa do vento.  
 Cinges, com teu benfazejo lençol,  
 a cara repugnante do continente dolorido.  
 Reconstituís o chão intempestivo do que sou.  
 Soas em mim os delicados nervos da melodia.  
 Tua serena expansão inspira-me  
 o prazer de andar em silêncio,  
 na quietude em que me basto.  
 Com o som das conchas,  
 eco do teu crépitar inebriante,  
 coroas de flocos esvoaçantes  
 o enlevo da tua brandura.  
 Reconfortas a indecisão que respira,  
 anestesiando as sensações  
 do exílio de um visionário.



Que Éolo e as Erinias não conspirem,  
até que os desenhos luzentes  
se configurem no firmamento  
imantado de tênues clarividências.  
Contemplarei o teu dilúvio sereno,  
sem o veloz impulso das surpresas.  
Escreverei, à maneira do cultor da beleza,  
que tem a idade do sonho quando te celebra.  
Sinto contigo a leveza indiferente,  
com que abres infinitas portas aos ventos  
e, em cavernas insondáveis,  
ocultas a noite clara dos abismos!  
Arejas a transparência,  
no ritmo do jorro majestoso da espuma  
de que brotou Vênus-Iemanjá,  
apesar do homem ex-machina.  
Sacias a sede aventureira do peregrino  
que tuas ondas reconfortam.  
No instante de trégua, hora de harmonia,  
diante da fímbria do crepúsculo,  
choro contigo e tu me entendes o sentimento.  
Contigo medito em estado  
de absoluta concentração  
e tu me entregas as palavras extremas.  
Acendes o espectro do fogo prateado,  
a lua das emoções e a confiança do perdão.  
Deito-me sobre o silêncio dos teus asteroides.  
És a cama de cristal cósmico  
das minhas impressões oníricas.  
Antes que a noite ambígua  
termine a festa das sensações,  
decifro a verve química do tempo  
com os sentidos da tua eloquência!  
Iluminado em meu devaneio, corro,  
exaspero-me e viajo para entregar-te  
a memória, mar consolador!  
Trazes de volta o perdido.  
Na vigilância da tua razão divina,  
teço graças reverenciais:  
jazida de jade no louvor de dizer delícias,

aliança entre o prazer desafiador  
 e a fortuna que o alimenta,  
 alegria à altura das escarpas,  
 circuito de signos que os pássaros cingem.  
 Mar disperso, lavando as ilhas  
 na instabilidade imaginária.  
 Momento único. Impronunciado.  
 Impressentido. Contingência inaugural.  
 O imponderável. Tudo o que é e não é.  
 Metáfora metafísica. Miragem. Verbo.  
 És onde o tempo surge a favor de si mesmo.  
 Anuncias claras estátuas de argila,  
 estrelas de leite e pétalas de púrpura.  
 Venho, com o astrolábio da chegada,  
 beber os líquens prometidos  
 pelas delicadas nereidas.  
 Sonho, ouvindo a orquestra dos teus revérberos  
 e a insigne fábula do teu despojamento.  
 Praia aberta de luminoso véu, sopro nos poros  
 e nos alvéolos, cintilante sal violeta,  
 vento voluptuoso que me leva!  
 Até quando contigo irei,  
 irisado pelo teu borbulhar,  
 mar coroadado de navios?  
 Antes que Átropos corte o fio  
 desta manhã velada,  
 eis-me, pastor do teu rebanho íntimo,  
 mar inexorável!  
 Forjas em mim a alta linguagem das coisas infinitas.  
 Aceita minha oferenda, mar benevolente,  
 minha certeza de ter em cada célula  
 uma gota do teu ser, minha comoção.  
 Contigo vou, onde me levem as horas.  
 Só o tempo da tua visão não é perdido.  
 Diante do voo reiterativo das ondas paradisíacas,  
 digo sim às vertentes inusitadas.  
 À orla suave da enseada,  
 imerso na nevada cachoeira,  
 contigo restauro o que se dispersou.  
 Acarício as crinas aveludadas

do musgo de tuas pedras,  
folhas de alga em tessitura de água marinha.  
Encantei-me, com o nácar esverdeado  
das eternas e renovadas vagas.  
Deito-me, sedentário, para o ritual  
do desnudamento e a recepção  
da benção das águas.  
Chego, do mundo submerso,  
à fervorosa insônia.  
Navego no tempo, fora do teu útero,  
chuva encimada por lava relampejante!  
Espero a tua realidade  
que vem das esferas inimagináveis!  
Alumbrador afã de alto astro,  
mar mediador, maleável, vibra veloz na vã,  
vivaz viagem.  
Aceita a pseudo-oferenda  
dos meus frutos outonais.  
Atendo ao chamado  
das tuas fugazes formas viventes,  
impregnado de aroma fosforescente  
e ébrio do vinho dos teus orvalhos verdes e azuis.  
Diviso a curvatura vibratória  
nas explosões da espumante efusão.  
A floração de gineceu  
nos passos sedutores de tuas mulheres,  
mar dissoluto,  
enevado de quietude e sonho.  
Palmilho o oásis do teu dia onírico.  
O verão propícia a aparição das filhas de Netuno.  
A magia da tarde as transforma  
em orquídeas douradas.  
Há uma planície de ouro  
além da pedra encantada do Arpoador.  
Como um mito debruçado  
na serena transparência.  
Praia de Ipanema, permaneço livre  
no êxtase do instante.  
O mar, que me seduz de alumbradora perplexidade,  
injetou em mim o azul frenético

de sua magia estonteante  
e agora eu cobiço orgasmos líquidos  
nas feições de seus moluscos libidinosos.  
Quando, enfim, visitarei o invisível?  
Que revelam tuas vozes divinatórias,  
na iminência do meio-dia *nel mezzo della vita*?  
Tu, só tu, adivinhas  
com os deuses das cidades místicas!  
Vaticinas a palavra marítima  
contra a nossa falácia.  
Tua lógica esotérica, tua semântica,  
a poeira glacial do teu sopro despojado,  
água sedativa,  
remédio de pensamentos puros.  
Deus longevo: assimilo a dispersão  
com que me reintegras os sentidos.  
Vem dizer-me que sou fantasma de mim mesmo.  
Vem, com os teus remotos sinos metafísicos.  
Vem com a mutação da espuma em maresia!  
Até quando a tua face alumbrará  
a ilusão a nossa luta lúdica?  
Os montes se reclinam  
nas tuas bordas incontornáveis.  
Saboreio a espantosa doçura  
das esvoaçantes flores brancas.  
Escuto os sussurros dos redemoinhos,  
peregrino visionário das sinestésias.  
Vejo, com os teus olhos,  
o ácido diáfano com que avanças incandescente,  
narrando a fábula do nosso nascimento:  
arco-íris, relâmpago da Via Láctea.  
Grande salão solitário, clareira lacrimal flamejante.  
O prazer é uma liberdade atemporal.  
És a intimação das delícias.  
Alegria nas hélices ondulantes  
do teu voo de esmeralda.  
Lavo a alma no sopro vivificante.  
No horto de cinenária e âmbar,  
onde as Parcas não penetram,  
o dia livre não tem preço.

É a própria fortuna.  
Suave deslizar no assoalho volante.  
Venerável velejação.  
Manto azul que o vento eriça,  
levando e trazendo vozes e memórias.  
Pertença ao teu tempo inaugural.  
Em teu louvor, o céu clareia o espelho de prata  
e afugenta a melancolia do dia.  
Mar hierofante, mar cosmogônico,  
cinge-me com o teu colar  
de flocos em disseminação!  
Embala-me com o acalanto  
da tua voz de brandura expectante.  
Lápis-lazuli nos minutos da espreira da névoa.  
Oxigênio de alívio na minha claustrofobia,  
fósforo de mansuetude,  
trazendo sombra à minha ansiedade.  
Vejo-te sombrio, sob a gaza  
que se esfuma na lisa espessura da amplidão.  
Tão semelhante a mim, tão indizível  
no extravasar da emoção, tão dolente  
e tão regozijado,  
para além das agressivas alas do tédio!  
Rezo em teus altares, caminho, longamente,  
ao redor de tuas inconcebíveis praias.  
Recitas para ti mesmo  
a ode da invenção do homem.  
No solstício em que te contemplo,  
tu me nutres com o sal da sobrevivência.  
No meu rito sobre as pedras,  
aberto ao mistério da noite,  
que posso, além de peregrinar penitente,  
à margem dos teus caminhos,  
fruindo a tua exuberância exultante?  
Almejo-te, acalanto arrebatado.  
Marulha o minucioso manancial.  
No vórtice, velado, vem vagando na viração,  
virente, vaporoso.  
Quando me permites a exclusiva contemplação  
do teu esplendor,

mar de volúpia furtiva,  
brumoso horizonte de prazer,  
és outro, és enlevo, esperança mística!  
Mar franjado na distância enigmática,  
afetuoso, quando tuas aragens nos beijam;  
quando soluçamos, cansados de angústia  
e recorreremos ao teu afaço benevolente.  
Cúmplice da realidade com que te vejo,  
ó beleza exata, na sensação de que me vês!  
Enfim, meu sacrifício trégua encontra  
em tua plenária indulgência  
e meu coração repousa  
no teu perdulário espaço.  
Que segredos guarda o amanhã?  
Pergunto pelo sentido metafísico  
desse medo que estremece,  
acordando em mim um delírio de instabilidade.  
Ânsias e afeições sobrevoam  
na viagem ao mar desconhecido.  
Ao teu redor luzem muralhas de antigas fortalezas,  
promontórios e falésias carcomidos pela erosão.  
Teu horizonte simboliza minha perplexidade  
diante do tempo.  
Fertilizas a terra para  
que floresçam as plantas sedativas.  
Evocas a voz do infinito  
que vem da distância absoluta  
e ressoa na minha solidão.  
Na hora aventureira,  
o pensamento imerge docemente na imensidão.  
Os navios dizem da espiral do eterno retorno.  
Quando dormes à sombra clara,  
o teu reflexo na expansão suscita recordações  
de um tempo em que eu escutava  
teu rumoroso ondular na noite do passado.  
Tuas harmonias me fazem sonhar  
com viagens ao país  
onde a tristeza se submete à ebriedade.  
As águas cantam, sussurram e suspiram,  
no momento iluminado da tarde translúcida.

As ondas pranteiam o sopro mavioso  
que tange as estremecidas cordas eletromagnéticas.  
Venturoso vou,  
no perfume transparente do vento.  
Vejo o cristalino pântano,  
emanação de todos os seres,  
profusão vibratória em que as pedras flutuam.  
No sagrado instante de quietude,  
regenera-se o tecido psicossomático.  
Bebo a água da minha destilação purificadora.  
Nos espasmos das vagas, pulsa o universo.  
Mar sideral, ôntico, macrocósmico,  
imponderável abismo  
povoado de moluscos, crustáceos, anfíbios,  
algas e líquens, entre as infinitas vidas minerais.  
Substância original de toda a alquimia vital.  
Lua no céu, purificando os páramos,  
refletes elétrons nas sombras que velam por mim.  
Deixa-me repousar no teu terapêutico litoral de calma,  
no marulho que murmura  
e sereniza, imerso em delectações.  
Sob a redoma colossal de tuas prerrogativas,  
ó protagonista do gozo que propicias,  
transbordam em mim  
os ecos de tua autossuficiência.  
Autor de ti mesmo, quando,  
na epifania dos dois mundos, sem mácula,  
soberano por beleza  
e virtuoso por aprazimento,  
despejas labaredas  
no véu diáfano de beatitude perpétua.  
Contemplo-te, serenamente,  
vasto na policromia crepuscular.  
Sefirot de safira, vens espalmando luz,  
íntegro e repleto de ti mesmo.  
Zéfiro do zênite, aureolado de farândulas.  
Contemplo, da varanda enredada  
de ramificações esmeraldinas,  
tua manifestação implícita na memória.  
Para onde vou, desgarrado,

senão à enseada do teu fulgor,  
onde flui o flúor do florescimento,  
o luxurioso fluxo lustral?  
Oh glorioso Poseidon,  
tu conheces a magnitude do meu empenho  
e velas por mim,  
quando a noite se aproxima.  
Saio das repugnantes cavernas  
para o teu fabuloso teatro purpúreo,  
que as nuvens tingem de róseos lustres.  
Embalas a rosa dos ventos  
com a álgebra dos signos peregrinos.  
Dobras, alegremente, a franja das espumas,  
onde os anjos se molham de leveza.  
Surges, todo clarificado em ritmo,  
como a chuva da nuvem que chora.  
No horizonte distante, que vai  
aonde não há mistério, teu infinito voga.  
O vento das transformações  
reside no teu corpo elástico, polida pele brilhante,  
estampa voltada para a limpeza do céu.  
Cruzo o mundo para saciar minha sede  
de ser água azul,  
repleta de madrepérolas, aljófares  
e diáfanos cristais ondulantes.  
Só me resta confiar, esperando as boas calendas,  
enquanto a noite com a cor do abismo  
tinge os graves tons da areia.  
Venho colher as flores do teu vergel celeste.  
De viva esperança,  
respiro o orvalho diluído de tuas inflorescências.  
Bendita seja a sombra afetuosa da tua guarida,  
inventor da beleza, cosmonauta da magnificência,  
terapeuta dos meus transtornos,  
exorcista de todo o sofrimento,  
na conjuração do teu sedativo campo matizado.  
Nutriente vital dos meus órgãos sensitivos:  
do moinho das glândulas, do funil do esôfago,  
do engenho de toda a estrutura biológica.  
Sei que um dia me libertarás do cativeiro,



guia dos esperançosos.  
Dirijo-me, pela luz de tuas fagulhas aquíferas,  
à grandiosa efervescência  
que rumoreja dentro e fora de mim.  
Luzeiro lúdico, minério inebriante,  
moldura de arquétipo evasivo.  
Sorriso de luz nos verdes arrecifes.  
Céu dobrado, fragmentado  
na tessitura das margens,  
pelo tropel do Pégaso,  
pegado ao Pélago,  
no aeródromo de castelos flutuantes,  
luminar do firmamento.  
A cor da saudade te azuleja  
na cidade amuralhada,  
arco dourado pela lâmpada amarela do crepúsculo.  
Luz intensa que longamente fitamos,  
reflexo da clareira circular,  
na hora da visão suave,  
alegres águas que cantam.  
Caudalosa luz de ouro diluído,  
trilha de ondulante fulgor,  
voz líquida do infinito,  
sonoro espelho semovente  
que o vento energiza com a teia volátil da tarde.  
De março a setembro,  
eu enalteci teu nome, altissonante fábula!  
Cruzei escabrosos umbrais,  
áridas veredas palmilhei  
e afrontei tenebrosos perigos  
para sentir o lânguido clamor  
dos teus espasmos vigorosos:  
os corais batidos de palmas de espuma,  
o afolivo das ondinas turbilhonantes,  
a bruma fugidia na circunferência  
que esmaece na penumbra descolorida do ocaso.  
Os barcos que viajam sem movimento,  
com os argonautas transidos  
dentro da placidez visual.  
Passarela fantástica.

Anoitecida neblina de outubro outonal,  
 charco envolto em tule na esfera inconcebível,  
 afortunado númen tenebroso,  
 vasta fuga ao portal do enigma.  
 Noite espessa, e sempre dia,  
 no teu rastro inaugural.  
 Tudo é certeza nos fluidos  
 da tua planície de ágata e berilo.  
 És alegria em mim,  
 nas dobras buliçosas  
 de tuas filigranas viageiras.  
 Grande jardim, gritando  
 à luz do vento que se levanta;  
 exposto, como eu,  
 à chama da maré desconhecida.  
 A fragorosa luz  
 que te alenta imerge nos meus sentidos,  
 como lâmpada de lampejos reconfortantes.  
 Fervoroso vigor que nutre a alma  
 e enaltece a solidão do homem compadecido.  
 O teu sorriso de lágrima clarividente  
 é o conceito pelo qual medimos todas as coisas.  
 Rutilância longitudinal,  
 noite trazendo o perfume da tua enluarada brisa.  
 Bendito seja o clarão dos teus espasmos,  
 ó vigoroso prodígio!  
 Férvido langor.  
 Sorvedouro da vastidão turbilhonante.  
 Luz de afago  
 que tange a fimbria flórea do crepúsculo!  
 Diante do teu lenitivo coruscante,  
 venero o segredo enternecido que entoas,  
 imortal limpidez que tudo eterniza,  
 toldando a brasa de júbilo das águas.  
 Transfiguras em sombras  
 o fosfóreo fluxo fragoroso,  
 perpetuando o embalo fugidio,  
 em que cismo, caminhante fortuito,  
 respirando o alento úmido da obscuridade  
 que se fez lampejo de regozijo.

O motor da natureza vem me tranquilizar  
com o potencial magnânimo dos teus mergulhos.  
Escura é noite do abismo,  
arauto doador de resina espiritual!  
Lastro canoro do milagre!  
Plácido vitral coloidal  
que as miríades noturnas encharcam!  
Claustro de veludo nebuloso.  
Cantarei, eternamente,  
a tua clâmide votiva, mar fugitivo.  
Mar venerando de desvelada velocidade.  
Amargo e doce mar,  
que reverencio na difícil quietude,  
venho ouvir a altíssima calma da tua solidão azul.  
Anoitece, anoitece,  
mas a manhã não tarda, mar inominado!

SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000  
Formato: 14 x 21 cm  
Mancha: 10 X 17 cm  
Tipologia: Garamond 12 / 16 / 18

Papel: Pólen 80 g (miolo)  
Royal Supremo 250 g (capa)

**Editora CRV**  
*versão para revisão do autor*